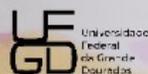


# IMAGENS

# e EXPRESSIONES

*Claudia Marques Roma  
Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa  
Letícia Espadim Martins*

*Organizadoras*



*Copyright* © Claudia Marques Roma, Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa e Letícia Espadim Martins (organizadoras).

Capa: Felipe Fitz.

Imagem da capa: Sara Marques Bergamin

Editoração: Equipe Totalbooks.

Revisão: Equipe TotalBooks.

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Imagens e expressões [livro eletrônico] / [organização Claudia Marques Roma, Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa, Letícia Espadim Martins]. -- Porto Alegre, RS : Totalbooks, 2023.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88393-52-9

1. Geografia - Aspectos sociais 2. Geografia social 3. Paisagem - Fotografias 4. Territorialidade I. Roma, Claudia Marques. II. Aizawa, Juliana Tomiko Ribeiro. III. Martins, Letícia Espadim.

23-155740

CDD-304.23

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Geografia humana : Ciências sociais 304.23  
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Todos os direitos reservados para os autores.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito do/a respectivo/a autor/a.

Os autores e as autoras são responsáveis pelos conteúdos apresentados (textos, figuras, tabelas etc.) e assumem total responsabilidade pública e jurídica sobre os mesmos.

EDITORA TOTALBOOKS® EIRELI - [www.totalbooks.com.br](http://www.totalbooks.com.br) - [contato@totalbooks.com.br](mailto:contato@totalbooks.com.br)

## CONSELHO EDITORIAL MULTIDISCIPLINAR - EDITORA TOTALBOOKS

Dr<sup>a</sup> Adriana Dorfman  
Dr. Alfa Oumar Diallo  
Dr<sup>a</sup> Ana Maria Colling  
Dr. Antonio Moreno Jiménez  
Dr. Bruno de Souza Lima  
Dr. Celso Augusto Nunes da Conceição  
Dr. Charlei Aparecido da Silva  
Dr<sup>a</sup> Cintia Santos Diallo  
Dr<sup>a</sup>. Cristina Vargas Cademartori  
Dr. Eduardo Salinas Chavez  
Dr. Emerson Galvani  
Dr. Edvaldo César Moretti  
Dr<sup>a</sup> Edvania Gomes de Assis Silva  
Dr<sup>a</sup> Elisabeth Ritter  
Dr. Eliseu José Weber  
Dr. Fabio de Oliveira Sanches  
Dr<sup>a</sup> Gilca Lucena Kortmann  
Dr. Gustavo Daniel Buzai  
Dr. Henrich Hasenack  
Dr. Henri Luiz Fuchs  
Dr. Henrique Carlos de Oliveira Castro  
Dr<sup>a</sup> Irene Santos Garcia  
Dr. Javier Garcia López  
Dr. Jefferson Cardia Simões  
Dr. Jose Luis Gurria Gascón  
Dr. Paulo José Moraes Monteiro e Teixeira Germano  
Dr. Paulo Roberto Fitz  
Dr<sup>a</sup> Patrícia Cristina Statella Martins  
Dr. Roberto Verdum  
Dr. Rodrigo Stumpf Gonzáles  
Dr. Rogério Gomes da Silva  
Dr<sup>a</sup> Valéria Silveira Brisolara  
Dr. Vinícius Gadis Ribeiro

## APRESENTAÇÃO

Para instigar seu olhar, pensamentos, diálogos e emoções em nossas *escrevivências*, partimos das indagações e inquietações de Hissa (2002) de que é estranha a possibilidade de haver somente um modelo de “texto padrão”, que sobre várias possibilidades fosse o único que afirmasse a palavra da ciência, sendo que, para a Geografia, a observação e o olhar fundamentam o conhecimento. O olhar transcende e contempla o visual ótico e se processa na relação aparência/essência, ou seja, descobrir a essência, o movimento do que está aparente. Um olhar teórico, sempre a refazer-se, um olhar crítico que desvela nas formas, nos contornos, o que não está à mostra, o conteúdo (HISSA, 2002).

Através do olhar físico, teórico e metodológico – as gentes que compõem essa obra não dissociam trajetória de vida e acadêmica, assim, aos debates teóricos e metodológicos produzidos na Geografia e, especificamente, na Pós-graduação em Geografia da UFGD.

Assim, essa coletânea é fruto de diálogos realizados no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG), da Faculdade de Ciências Humanas (FCH), da Fundação Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A proposta, como metodologia ativa de ensino, é vincular os textos, as teorias trabalhadas durante as aulas, associando *imagens e expressões* que atravessam a vivência de cada pós-graduanda(o).

Destacamos que a metodologia plural dos textos que compõem os capítulos, atravessa a(s) fronteira(s) do puritanismo teórico-acadêmico e avança as linhas pontilhadas entre escrita e vivência (*escrevivência*) das gentes. A *escrevivência*, como teoria da literatura do pensar, incitada nos textos de Conceição Evaristo, tem enunciado outros mecanismos, técnicas e formas afirmativas para registrar a existência no mundo-vida, entre sutileza do sentir comunal propiciado através da combinação entre arte e escrita.

A metodologia de pesquisa através da *escrevivência*, possibilita redigir textos de um mundo que se possa autoinscrever - falar de si; pintar, ou melhor, fotografar a própria realidade. Ou, realidades outras, ainda não narradas e descritas de forma genuína, autônoma, memorialística, em que as palavras possam tornar estáticos alguns momentos vividos na contemporaneidade, em lugares diatópicos de sobrevivência.

Quanto às escolhas feitas no campo da edição das fotografias, os ajustes de cor e tom têm como objetivo ressaltar a poética presente em cada imagem. Longe de mascarar, falsificar através da edição, os ajustes feitos nas fotografias estão em consonância com o sentimento de cada autor que, naquele momento, usou o aparelho celular, uma câmera fotográfica, para captar a poética que já vive dentro de si, em relação com seu território e territorialidade. Cores vibrantes nos convidam a vibrar na mesma energia daqueles que lutam, que amam e que choram. Os tons em preto e branco são um convite à memória, ao tempo distante dos museus, da saudade, dos mais velhos.

A presente publicação coletiva somente foi possível com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), através do PROAP/CAPES, código de financiamento 001. Este livro, de forma equitativa, permitiu que a escrita viva se torne um convite, a você, para participar dos espaços, olhares os contornos e esvaecer nas entrelinhas das memórias que, gentilmente, foram eternizadas em forma de coletânea entre imagens e expressões.

E por fim, como de início, vale ressaltar uma interrogação que nos atravessa e que às vezes permite e/ou transmite a segurança de abrir uma brecha na caixinha: razão e emoção, ciência e arte: quais os fundamentos das fronteiras? Pois, como nos ensina Milton Santos “sem emoção não se produz nada, sobretudo no campo da inteligência.” (HISSA, 2006, p. 72).

Boa leitura!

*Claudia Marques Roma*

*Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa*

*Leticia Espadim Martins*

## REVELA-ME, E ENTÃO CAMINHAREMOS JUNTOS

(à guisa de prefácio)

Toda fotografia é – ou pode ser – uma imanência de, digamos, uma “geografia recortada” (ou seria “geografia recontada”? ). Mas por que não uma – como é sempre entendida – representação, *apenas*? Porque, também podemos dizer, a imagem é *luz* diante do que, muitas vezes, *não se mostra* ou é preferível, para as donas e os donos do poder, permanecer escondido; nesse sentido, uma fotografia não apenas representa, mas se torna, ela mesma, condição de existência.

A fotografia é também tanto *recorte* quanto *algo contado*: *cortes* de tempo e lugar, *contações* de histórias e estórias. Em síntese, por isso, toda fotografia é também “pedaço de território” e, no extremo, o próprio território em apenas suposta imobilidade. Porque toda imagem, toda fotografia, é viva como o espaço, o lugar, o território, a paisagem o são, *revelando* outros ou novos sentidos de vida e existência.

É isso, sem dúvidas, o que *se mostra* aqui!



Em fotografias de Umberto de Andrade Filho há duas *cruzes* que separam um tempo de aproximadamente 80 anos: na primeira, troncos de madeira nobre foram cruzados como que à frente de uma nova “Cruzada”, agora em “espaços vazios” do *oeste* brasileiro, nas

primeiras décadas do século XX; e na segunda *cruz*, um “basta” travestido de “Não dê esmola”. Os espaços vazios de antes já não suportam uma mão que dá a mão à solidariedade do viver... E, bem sabiam, já naqueles idos de há muitas décadas, mas também nestes *idos de agora*, ainda sabem, as gentes Guarani e Kaiowá.

Alecio Soares Martins e Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa, como que no embalo das fotografias de antes, revelam-nos um “espaço/dia dividido” com gentes *da aldeia*: o sono em uma madrugada cedo demais; o trabalho na terra *alheia* avermelhada; *macacões azuis* em refeição... Mas que *se misturam* a cestas de mão, a rodas de conversa e ao fogo que nunca se apaga. E o sono, em volta da fogueira, temos certeza, sonha sonhos de *tekoha*.

*Grafiás* em detalhes e *redentoras*, de uma espiritualidade ancestral riscando chão e patamares multidimensionais, é também o que parecem nos revelar Leticia Espadim Martins e Suzanny Cunha da Mota.

*Camadas* de solos, de peles, de linhas em papel, de *abandonos* para sementes e outros nem isso, porque todas *camadas humanas*, demasiadas *humanas*, em suas formas, funções, processos e estruturas de fazer viver e outras, o contrário. Esses são alguns dos jeitos que nos chegam com as fotografias de Manoel Messias Ferreira de Macedo.

Camila Ledesma Santana de Almeida e Márcia Dutra da Silva Alfonso fazem *viver ocupações* por aves, por gentes em protesto, por terra e, *que pena*, prisional... Nesta última, o sentido da imobilidade –

porque em cárcere, encarcerado – é “co[n]fundido” pelo *movimento* um tanto inocente de colegas em rumo ou em volta da escola. Tipos diferentes de *ocupação*, com suas *razões*, limites e aberturas.

Com Luci Meire Corrêa Anastácio e Wagner Galvão Ribeiro Filho, *territórios de fronteira* com seus limites em *encontros*, *diversidades* e *porosidades*, como ela e ele mesmo apontam. O sol com poucas nuvens abunda algumas imagens, e em outras um céu nublado um tanto *carregado*, como *sentem*, não poucas vezes, as gentes entre uma Ponta Porã e uma Pedro Juan Caballero de *altitudes* de relevo, de chuva e de frio.

E Ivone de Oliveira Carvalho nos *oferece* imagens de conquista (não daquelas que desterritorializam, que invadem, que violentam, que expulsam, que matam...): são dimensões de um movimento de luta pelo direito tanto à educação quanto a um *lugar* chamado escola, seja a de “madeiras enfileiradas” cobertas de sapé, seja a de alvenaria com as letras de um *sul* e de um nome de flor. Para, *ao final*, o encontro e a festa acontecerem.



Impressões breves, sentidos difusos, algo ainda imperceptível: uma fotografia nunca nos devorará, porque sua decifração é sempre uma *dialética* em constante refazimento, pois tudo que parece tão sólido, em um novo olhar, pode se desmanchar no ar.

Que as fotografias aqui, enfim, nos ajudem a olhar!

Dourados, MS, 7 de maio de 2023.

*Jones Dari Goettert*  
*Curso de Geografia*  
*Programa de Pós-Graduação em Geografia*  
*Faculdade de Ciências Humanas*

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

*Claudia Marques Roma*  
*Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa*  
*Letícia Espadim Martins* ..... 4

### REVELA-ME, E ENTÃO CAMINHAREMOS JUNTOS (À GUIA DE PREFÁCIO)

*Jones Dari Goettert* ..... 6

### DIFERENTES OLHARES PARA UM TERRITÓRIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS MONUMENTOS ENCONTRADOS NOS MUSEUS DE DOURADOS E O CONTRASTE COM A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA REGIÃO

*Umberto de Andrade Filho* ..... 9

### UM DIA DE MBA'APO NA ALDEIA TE'YIKUE

*Alecio Soares Martins*  
*Juliana Tomiko Ribeiro Aizawa* ..... 19

### ENTRE LUZES E SOMBRA: POVOS KAIOWÁ E GUARANI EM LUTA

*Letícia Espadim Martins*  
*Suzanny Cunha da Mota* ..... 33

### GEOGRAFIA(S) E VIDA

*Manoel Messias Ferreira de Macedo* ..... 45

### IMAGENS DE EXPRESSÃO: TEMPOS E ESPAÇOS, MUROS, HUMANIDADE OU HUMANO?

*Camila Ledesma Santana De Almeida*  
*Márcia Dutra Da Silva Alfonso* ..... 55

### FRONTEIRAS: ENCONTROS E DESENCONTROS NAS CIDADES GÊMEAS

*Luci Meire Corrêa Anastácio*  
*Wagner Galvão Ribeiro Filho* ..... 67

### EDUCAÇÃO NO CAMPO: ENTRE LUTAS, CONFLITOS E TERRITORIALIDADES

*Ivone de Oliveira Carvalho* ..... 78

### SOBRE AUTORES, AUTORAS E ORGANIZADORAS ..... 89

**NOME:** UMBERTO DE ANDRADE FILHO.

**TÍTULO:** Diferentes olhares para um território.

**SUBTÍTULO:** Uma análise crítica dos monumentos encontrados nos museus de Dourados e o contraste com a formação socioespacial da região.

**CIDADE:** Dourados-Mato Grosso do Sul.

## NOTA INTRODUTÓRIA

O autor, através das imagens de monumentos históricos, busca romper a construção cognitiva de “heróis” coloniais como paradigmas locais. Através da escrita, fomenta o olhar crítico sobre a formação socioespacial do município de Dourados e região. Parafraseando o filme – *Uma história de Amor e Fúria* – “Nossos heróis nunca viraram estátuas, morreram lutando contra os que viraram”.

Utilizamos a memória dos museus para compreender fragmentos da história que estão registrados no lugar e contam como a cidade e a região vêm sendo construídas nas últimas décadas. A iniciativa surgiu a partir da disciplina ministrada pela professora Doutora Claudia Marques Roma no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados.

Propomos realizar uma (re)interpretação descritiva sobre a construção do “espaço social” entre os habitantes dessa região com base nos objetos encontrados nos museus, atentando à dialética oriunda dos conflitos entre os latifúndios e os povos originários, bem como às diferentes formas de interagir com o espaço regional e de se territorializar.

Para a realização do trabalho, conduzimos pesquisa de campo e entrevistas com servidores *in loco* no Museu Municipal de Dourados e no Museu da Colônia Agrícola de Dourados (CAND). Como material complementar, para melhor compreensão da síntese do texto, recomendamos, de início, escutar a música intitulada como “América Latina” de Fabio Brazza” (BRAZZA, 2018).



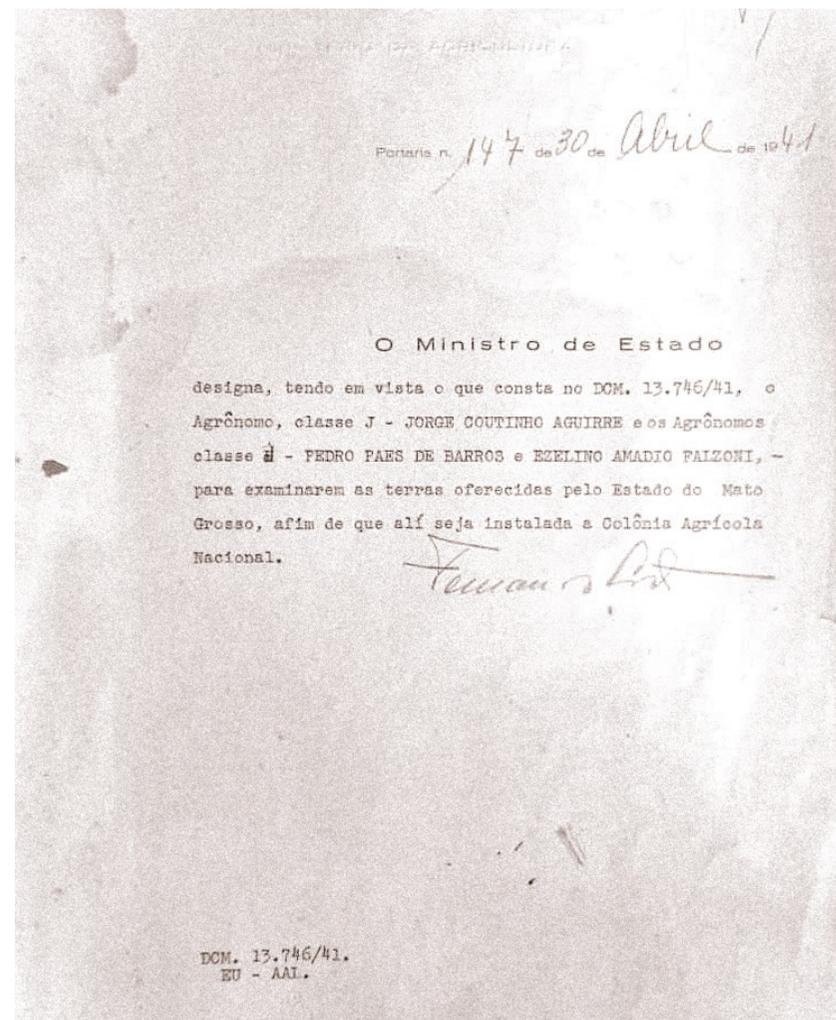
Por meio das frequências de rádio nos rincões do Brasil (Figura 1). O comunicado oficial para todo o Brasil alerta que o então presidente Getúlio Vargas proclama para o país que “*O Estado Novo precisa expandir as fronteiras econômicas rumo a oeste e convoca brasileiros dispostos (e pobres) a colonizar esse território em troca de terras produtivas*” – “Marcha para o Oeste” (Figura 2).

**Figura 1** - Rádios, hoje encostados na parede do museu, outrora alegraram dias e noites e noticiaram a “Marcha para o Oeste”.



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

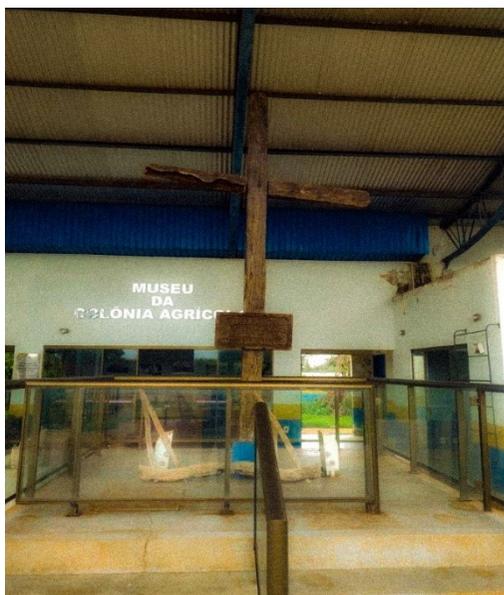
**Figura 2** - Portaria 147 de 30 de abril de 1941.  
Uma norma sobre o território vivido.



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

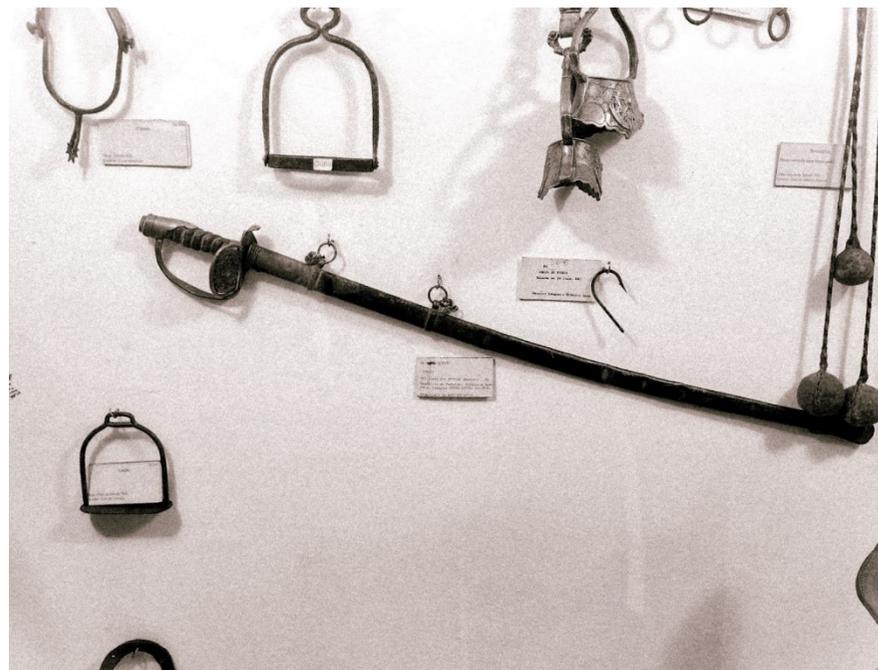
A cruz (Figura 3), que representa a religiosidade, e a espada (Figura 4), que simboliza a bravura dos colonos, encontram lugar de destaque nos museus. Religiosidade, que durante a escravidão foi imputada com a espada, religiosidade que não expressava toda forma de fé dessas terras indígenas. Ó bravura! Reconhecida e conferida a colonizadores, e silenciada aos indígenas que aqui estavam. Conquistadores e conquistados, dominadores e dominados, construções históricas baseadas em relações raciais como forma de controle do trabalho (QUIJANO, 2005).

**Figura 3** - A cruz de madeira, acervo do museu municipal de Dourados, símbolo da colonização erguida em todos os rincões desse país.



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

**Figura 4** - Espada do colono.  
Acervo do museu municipal de Dourados.



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

O famoso o dito popular proclama: “*Entre a Cruz e a Espada*”. Nessa encruzilhada tombaram aqueles cuja terra se tornou colonizada.

Com espingarda nas costas e montado em seu cavalo (figuras 5 e 6), as mãos do corajoso colonizador (Figura 7) abrem caminho para a fronteira econômica e integram a região da Grande Dourados aos grandes centros urbanos nacionais.

Viva!

Em monumentos e museus uma história é lembrada.

**Figuras 5 e 6 - O berrante e as armas. Uma cela de cavalo, uma veste.**



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

*“Até marítimo e a colonização segue seu ritmo  
Tomadas pelas forças do outro lado do hemisfério  
Efeito deletério corrompeu nossa terra  
Esvaziou nosso cofre e encheu nosso cemitério.”*

**Figura 7 - Uma história. “Homenagem ao colono”.**



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

Entre os acampamentos de lonas e casas de sapê (figuras 8 e 9), entre as foices e cerrotes (figuras 10 e 11), a paisagem se transforma pela necessidade de sustentar um modo de vida de outro lugar.

*“Banquete para as aves de rapina  
Que deixaram a miséria e levaram sua matéria prima  
Sua sina, mão de obra campesina barata  
Serviçal das minas de prata*

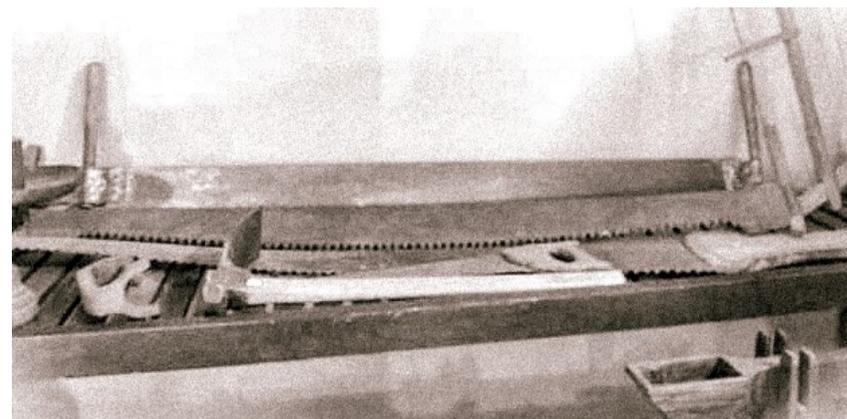
*Zapateca, Potossi, febre do ouro frenesi  
Seu tesouro Inca, Maia, Asteca, Tupi  
Nascemos pra servir  
O regime escravagista mais duradouro foi por aqui.  
(BRAZZA, 2018).”*

**Figuras 8 e 9 - Acampamentos dos recém-chegados colonos.**



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

**Figuras 10 e 11 - Ferramentas utilizadas pelos colonos na transformação da paisagem.**



Fonte: Andrade Filho, 2022a.

Homenagem ao herói da guerra contra o Paraguai. Lutou, resistiu e “tombou”, defendendo a soberania nacional (figuras 12 e 13).

**Figura 12** - Placa de homenagem na estátua de Antônio João.



Fonte: Roma, 2022.

**Figura 13** - Estátua de Antônio João e sua espada, localizada na entrada da cidade de Antônio João-MS.



Fonte: Roma, 2022.

Muitas praças, estátuas, nomes de ruas e cidade, referenciam e lembram a bravura do herói. Não devemos esquecer de sua história e memória, mas faria mais sentido lembrar e eternizar na história os inúmeros indígenas Kaiowá e Guarani que lutaram nessa guerra. Ao invés de estátuas e homenagens, tiveram seus territórios invadidos e suas histórias invisibilizadas.

Na sobreposição de tempos e espaços, nossa formação socioespacial se materializa, concretamente, nas ruas de Dourados. “O que a gente vive hoje é resultado do que aconteceu no passado (...) Viver sem conhecer o passado é viver no escuro.” (UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA, 2013).

Dentre as idas e vindas, do acelerar e frear comum do cotidiano, a paisagem do retrovisor nos apresenta que “o que resta é só o escombros da história que te assombra. Só a sombra do passado que ainda carrega em seu ombro.” (BRAZZA, 2018). (figuras 14, 15, 16 e 17).

**Figuras 14, 15, 16 e 17 - cenas cotidianas na cidade de Dourados.**



Fonte: Andrade Filho, 2022b.



Fonte: Andrade Filho, 2022b.

**Figura 18** - Crianças pedindo esmola ou revirando o lixo nas ruas de Dourados, cena real no cotidiano dos guarani-kaiowá.



Fonte: Oliveira, 2014.

*“(crianças batem palmas nos portões)*

*Tem pão velho?*

*Não, criança. Tem o pão que o diabo amassou, tem sangue de índios nas ruas e quando é noite a lua geme aflita por seus filhos mortos.*

*Tem pão velho?*

*Não, criança. Temos comida farta em nossas mesas abençoada de toalhas de linho, talheres, temos mulheres servis, geladeiras automóveis, fogão, mas não temos pão.*

*Tem pão velho?*

*Não, criança. Temos asfalto, água encanada super-mercados, edifícios, temos pátria, pinga, prisões, armas e ofícios, mas não temos pão.*

*Tem pão velho?*

*Não, criança. Tem sua fome travestida de trapos nas calçadas que tragam seus pezinhos de anjo faminto e frágil pedindo pão velho pela vida, temos luzes sem alma pelas avenidas, temos índias suicidas, mas não temos pão.*

*Tem pão velho?*

*Não, criança. Temos mísseis, satélites, computadores, radares, temos canhões, navios, usinas nucleares, mas não temos pão.*

*Tem pão velho?*

*Não, criança. Tem o pão que o diabo amassou, tem sangue de índios nas ruas e quando é noite a lua geme aflita por seus filhos mortos.*

*Tem pão velho?” (MARINHO, 1994).*

*Índios já viviam aqui irmão, muito antes de Cabral; mas sua herança cultural foi dizimada pelas garras sedentas da matança colonial; E os mais americanos dentre nós, nunca tiveram voz, pois a história foi contada pelos vencedores portugueses e espanhóis. [...]*  
*Gracias a la vida, que ha quitado tanto, pero aún que resta el canto. Y se me cayo me levanto. América Latina sua sina es luchar.* (BRAZZA, 2018).

Sua luta é um grito por liberdade! Liberdade traduzida em educação, saúde, cidadania e terra (Figura 19).

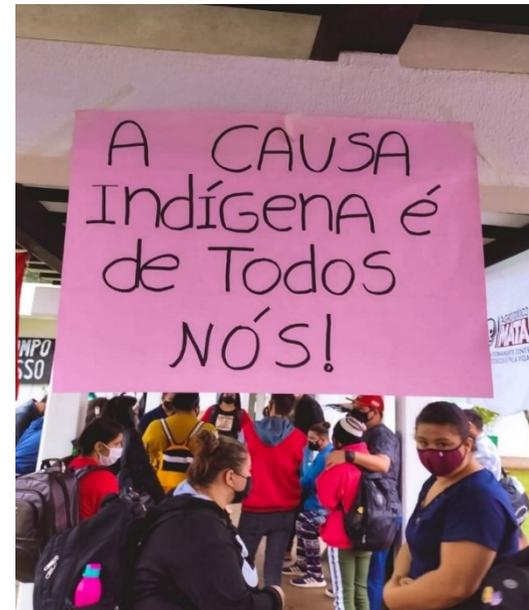
A luta indígena remonta ao “descobrimento”; no século XVII os bandeirantes por aqui passaram; pela soberania nacional muitas estratégias de ocupação foram realizadas (fortificações e núcleos de povoamento) e com elas projetos de catequização e civilização; a guerra Brasil-Paraguai; a exploração da erva-mate e nesse espaço-tempo a invisibilidade dos povos indígenas. (VIETTA, 2007, p. 6).

Mas, aqui é “Terra Indígena”, vermelha de sangue e suor.

*Presente, passado e futuro são realidades entremeadas e, nessa encruzilhada que nos encontramos, eu diria que são também indissociáveis. Não nos movimentamos apenas em um plano, para que não nos esqueçamos jamais da grandiosidade das nossas lutas. Nossa conexão é com passado, presente e futuro.* (ALMEIDA, 2023).

*O passado é o que está acontecendo agora! A cada dia que passa uma história está sendo escrita, com histórias cheias de amor e fúria.*  
(UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA, 2013).

**Figura 19** - Movimento de ocupação da Universidade Federal da Grande Dourados, contra cortes de verba para educação do campo, 2022. FAIND – Faculdade Intercultural Indígena – Vive e Resiste!



Fonte: Andrade Filho, 2022b.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de Almeida. Discurso. Janeiro de 2023.

ANDRADE FILHO, Umberto. 2022a. Fotos das figuras 1 a 11. Acervo do Museu municipal de Dourados.

ANDRADE FILHO, Umberto. 2022b. Fotos das figuras 14 a 18.

BRAZZA, Fabio. **América Latina** (DVD Colírio da Cólera). 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a0nz2Gm9BPY>. Acesso em 10 mai. 2022.

MARINHO, Emmanuel. Margem de papel. **Poesia Genocídio**. Dourados: Manuscrito Edições, 1994.

OLIVEIRA, Eliel. Na 2ª maior cidade de MS, muro alto separa a riqueza da miséria dos índios. **Campo Grande News**, 28 nov. 2014. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/na-2a-maior-cidade-de-ms-muro-alto-separa-riqueza-da-miseria-dos-indios>. Acesso em 10 fev. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005. p. 227-278.

ROMA, Claudia. 2022. Fotos das figuras 12 e 13.

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA. Direção: Luiz Bologuesi. Produção: Buriti Filmes e Gullane. Animação. Elenco: Selton Mello, Camila Pitanga e Rodrigo Santoro. 75 min. 2013.

VIETTA, Katya. **Histórias sobre terras e xamãs Kaiowa: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowa de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-20122007-140921.

**NOMES:** ALECIO SOARES MARTINS

JULIANA TOMIKO RIBEIRO AIZAWA.

**TÍTULO:** Um dia de MBA' APO na Aldeia TE'YIKUE.

**CIDADE:** Caarapó (Aldeia TE'YIKUE).

### **NOTA INTRODUTÓRIA**

Nesse capítulo, os escritores buscaram trazer alguns elementos do cotidiano na Aldeia *Te'yikue*, localizada no município de Caarapó, onde vivem Guaranis *Ñandeva* e *Kaiowás* em comunidade.

As informações trazidas foram escritas em forma de ensaio, talvez um pouco lírico, utilizando como fontes primárias fotografias e explicações dos viventes da comunidade.

O objetivo é trazer aos olhos do(a) leitor(a), coisas que têm significado e são significantes, principalmente para os Guaranis. Um dos autores desse capítulo – Alecio – pertencente a esta etnia, que em alguns trechos desse capítulo, terá, nas entrelinhas, a escrita de si (DUARTE, 2020).

Na composição da escrita foram utilizadas algumas palavras em guarani, para que o sentimento de pertencimento também fosse despertado no(a) leitor(a) através da sonoridade da fala.

Para os Guaranis *Ñandeva* a voz é sagrada, e eles acreditam que é ela dada pela espiritualidade. A voz, para eles, é muito mais do que a vibração das cordas vocais; a voz é tida como uma virtude, um dom divino.

Com essas breves considerações os(as) convidamos a conhecerem um dia de trabalho (*Mba'apo*) na Aldeia *Te'Yikue*.



## **PYHAREVETE (madrugada)**

É na *pyharevete* (madrugada) às 3h45min da manhã.

Que os trabalhadores rurais indígenas da aldeia *Te'yikue* deixam suas casas e veem o dia amanhecer.

De ônibus, com seus uniformes azuis, de segunda a sábado, os viventes da *Te'yikue Nhemba'apo*.

Para o não indígena o tempo do cotidiano entre o trabalho e a casa é chamado de *hora in itinere*.

Para o indígena, o tempo entre a *Te'yikue* e o plantio de cana são 2 horas de ida e 2 horas de volta.

O espaço entre casa e *Mpa'apo* (trabalho) é no buzão que percorre 120 km de chão.

Alguns trabalhadores vão cochilando, outros conversando, a vivência de quem trabalha com a terra.

A terra seca ou molhada, a terra que lhes é negada, a terra que é sagrada.

No calor ou no frio, chuva ou garoa, da madrugada até a noite.

*Nhemba'apo* (trabalham).

**Figura 1** - De segunda a sábado o ônibus lotado de trabalhadores indígenas, segue para o trabalho na cana-de-açúcar.



Fonte: Martins, 2022.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 2** - Lá fora ainda escuro, lá dentro o acento que serve de descanso, os olhares, o cansaço, o sono, o cochilo e o aceno. Trabalho na terra. Terra Indígena! Negada aos indígenas e territorializada pelo agronegócio.

## **PYHAREVE (manhã)**

Na *pyhareve* (manhã) os trabalhadores entram em ação na plantação.

Com ânimo e disposição dizem com afeição *mba'eichapa* (bom dia).

Não é o melhor serviço, mas é o serviço que se tem.

E todos os dias dizem *nhemba'apo* (*trabalhamos*).

De suas garrafas, entre uma carreira de cana e outra, bebem água gelada para refrescar.

Os trabalhadores abastecem suas garrafas com água gelada, por um tamborzão disponibilizado pelo patrão.

São 200 litros de água.

São 200 litros de dignidade diária.

São 200 litros da fonte de vida que não lhes é privada. O que significa para um trabalhador indígena beber água? Beber água gelada?

Memórias da plantação, *mba'apo*...

**Figura 3** - Refrigerador de água fornecido pela empresa de plantação de cana para que os(as) trabalhadores(as) possam levar, nas garrafas térmicas, água gelada.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 4** - Terra, terra vermelha, Terra Indígena. Na extensão do plantio, entre as carreiras para plantação da cana, os trabalhadores indígenas, de cócoras, com suas mãos trabalham a terra; na aldeia, com seus saberes, aqui, com técnicas de outros saberes. Uma a uma, dia após dia, sol e chuva, calor ou frio as plantações de cana-de-açúcar vão se expandindo.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 5** - A garrafa azul com água gelada hidrata e traz conforto; água gelada que poderia refrescar a memória de muitos nesse Mato Grosso do Sul.



Fonte: Martins, 2022.

## **JEKARU (Almoço)**

Às vezes na plantação o céu azul está limpo. Às vezes o céu está nublado e chuvoso.

O azul para o trabalhador indígena rural pode significar individual e coletivo.

O azul individual está nos corpos de quem trabalha, na blusa de manga comprida, bonés, calças, botina e caneleira, os EPIs, de uso obrigatório no serviço.

O azul coletivo está no espaço ocupado pelo plástico que faz sombra, nas mesinhas e cadeiras do *jekaru*.

A sombra do azul contrasta com o branco das marmitas de boia, que, pelo aroma dos temperos, manifestam o lugar de sua constituição. *Mba'apo...*

**Figura 6** - Puxada do ônibus de transporte, uma lona azul improvisa o local para as refeições.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 7** - Na paisagem da cana, uma lona, bancos, mesinhas, garrafas de água, marmitas, trabalhadores, conversas e sonhos. Almoço que, de segunda a sábado, com sol ou chuva, frio ou calor, mata a fome e mantém de pé o trabalhador indígena que trabalha na cana-de-açúcar, na terra que lhe foi tomada e continua sendo negada.



Fonte: Martins, 2022.

## KA'ARUKUE (parte da tarde)

Na *ka'arukue* no *tekoha* da aldeia *Te'yikue*, a comunidade estuda e *mba'aba* com a terra no projeto *poty renhoi*.

Na escola *Nhandejara*, as alunas resgatam a memória ancestral pelo *mba'apo*.

O *Mba'apo*, na disciplina de artes do professor Miguel, é aprender a tecer cestas em comunidade.

Os cestos são feitos com *Ysypo Hũ* (cipó preto).

Uns dizem que o trabalho é para o comércio.

Na aldeia *Te'yikue*, *mba'apo* é a obra fruto das próprias mãos.

**Figura 8** - Aldeia *Te'yikue*, escola *Nhandejara*, à direita professor Miguel, à esquerda Alecio. Miguel, que com suas mãos ensina a tecer os cestos e a trabalhar com o *Ysypo Hũ*, na oficina de artesanato.



Fonte: Martins, 2022.



**Figura 9** - Cestos de cipó sendo produzidos. Passado, presente e futuro num dia de *mba'apo*.

Fonte: Martins, 2022.

## KA'ARU (Entardecer)

Um *mba'apo* que, para muitos não tem sentido. Mas, para os parentes da *Te'yikue* é cheio de significado.

O *mba'apo* com a terra é honrado, porque o solo é sagrado.

E de bom grado lutam para serem integrados. Com a chegada em 1988 da educação formal, o professor Alecio Soares Martins inicia uma nova missão.

No começo eram 54 alunos, com uma lousa pendurada e as tarefas espalhadas no varal.

O espaço onde era um galinheiro, uma casa de sapé, foi o lugar da primeira escola da *Te'yikue*.

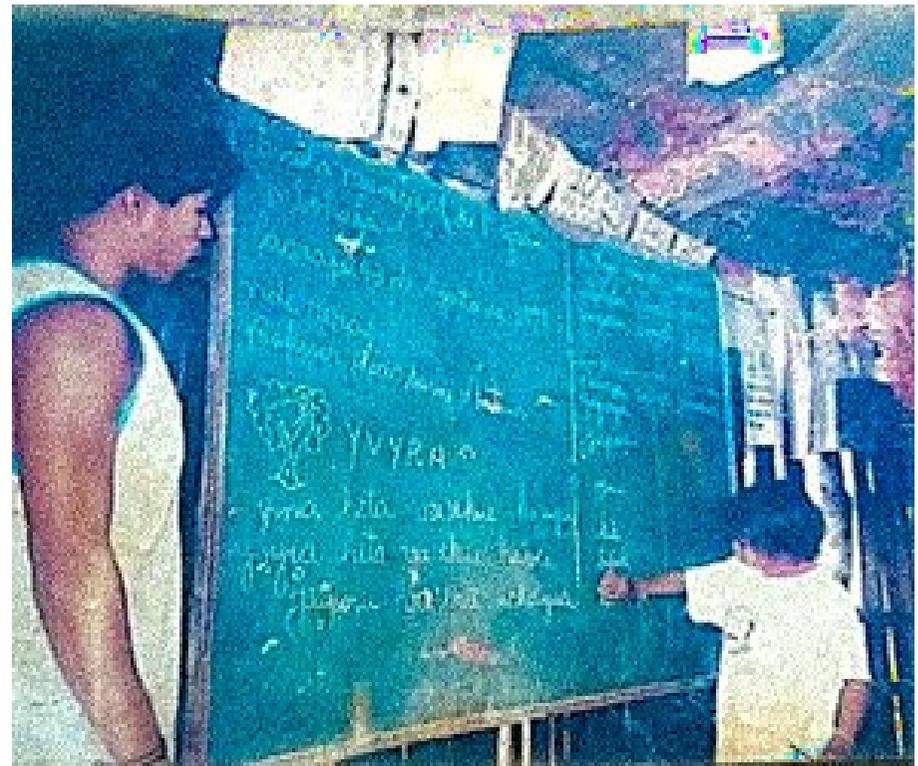
No *ka'aru* de 2022 desperta mais de 1.614 vocações; são 1.614 crianças e jovens frequentando a escola na aldeia *Te'yikue*.

Alecio é professor há mais de 24 anos, já ensinou muita gente, e aprende com muita gente.

Educação rural para a comunidade da *Te'yikue* é importante, mas também dão especial importância aos ensinamentos da terra, da vida que os cerca: galinhas, porcos, patos, peixes, cachorros, baratas, sapos, árvores, céu...

“Do pó vieram e para o pó voltarão”.

**Figura 10** - Escola Municipal de 1º Grau, Caarapó 3 de agosto de 1998 Alecio Soares Martins, de outrora, jovem professor com sede de ensinar e aprender. Em sua frente, junto ao novo desafio, um quadro para escrita de giz e 54 pessoas.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 11** - Estrutura de chão batido, madeira, bancos, pessoas e o cachorro descansando com tranquilidade e harmonia. O professor Alecio no espaço-tempo do agora, no processo de ensinar e aprender, apresenta um dia de mba'apo *da Te'yikue*.



Fonte: Martins, 2022.

## PYHARE (Noite)

Com a chegada da *pyhare* é hora de descansar, mas também com a parentela conversar.

A sabedoria da vivência com a natureza é compartilhada em volta do fogo.

Os pés do pai com a botina, e a mãe com seu chinelinho, em palavras simples sempre tem algo bonito a ensinar.

Em volta do fogo pra aquecer o corpo e coração.

Nos guardamos à noite em casa, com a esperança de cada manhã ter uma nova direção, humana, digna e com educação.

Afinal, todo dia é dia de *mba'apo* para a comunidade da *Te'yikue*.

**Figura 12** - Dois tijolos, uma grelha e uma chaleira preta de fuligem. Fuligem que marca o tempo, suas histórias e suas memórias. Fogo que esquenta a água, prepara os alimentos, aquece o corpo e celebra o compartilhar de vidas, histórias e ensinamentos. Fogo que simboliza a luta diária dos que *mba'apo*, *lutam e vivem na Te'yikue*. Os pés que descansam, aquecem, *mba'apo* e marcam o território na caminhada de vida e de luta dos povos indígenas.



Fonte: Martins, 2022.

## ATIMA PORÃ (Muito Obrigado)

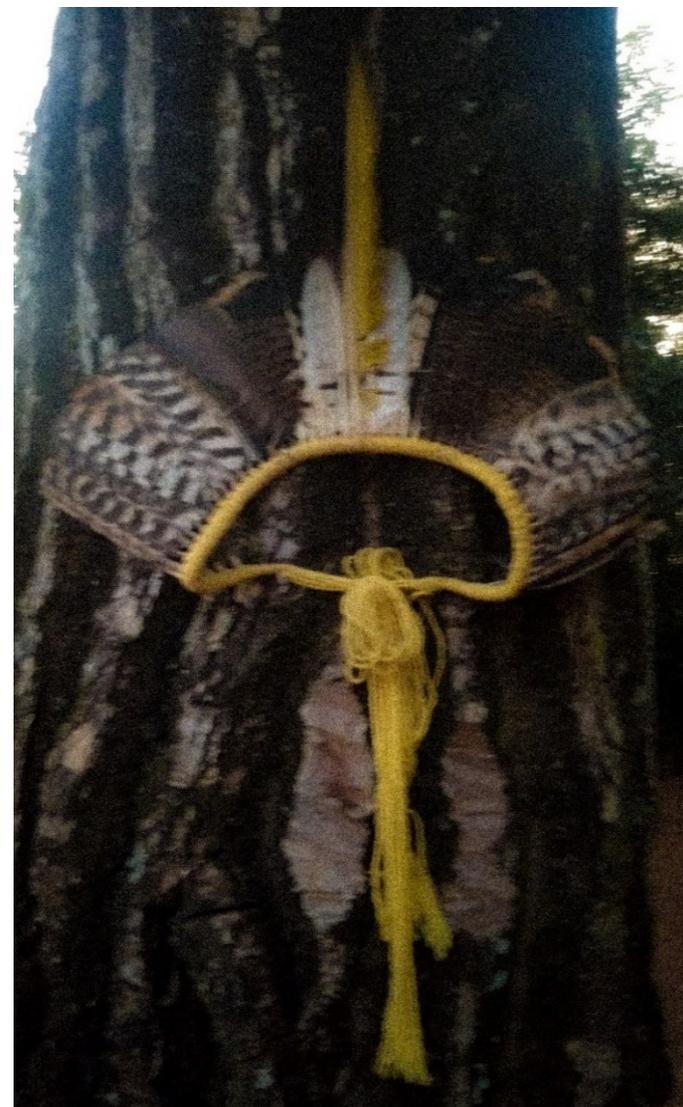
Para fechar o ciclo do dia na aldeia *teyukue*, dois símbolos de respeito e proteção devem ser levados em consideração – o cedro e o *akanguaa* (cocar). Na cosmologia Guarani *Ñandeva* a espiritualidade é a natureza que os cercam; cada coisa tem seu significado e as coisas não são reconhecidas como coisas, mas como o sagrado que está ao redor.

O cedro é sagrado, pois na cultura Guarani *Ñandeva* é um ser vivente de poderosa proteção contra as tempestades e maus espíritos; por isso, a importância em ter um pé de cedro no quintal de casa (tronco da foto da Figura 13).

O *Akanguaa* representa a cultura Guarani *Ñandeva*. Antigamente eram feitos com penas de araras e papagaios, mas hoje, pela alteração da natureza e a dificuldade em manter a vida na comunidade, o *Akanguaa* é feito das penas de outros pássaros ou até mesmo de pano.

O *Akanguaa* é usado em ocasiões especiais, solenidades, como se representasse as vestes de autoridades.

**Figura 13** - O sagrado pé de cedro e, em seu tronco, o *akanguaa*. Homem, natureza, espiritualidade, corpo e território se entrelaçam na aldeia *Te'yikue*. A articulação entre corpo e território, de modo mais amplo, “coloca no centro o comunitário como forma de vida”, permitindo abordar o território em múltiplas escalas, ressaltando a importância da “escala mais micro, mais íntima, que é o corpo”, “primeiro território de luta” e onde habita o espírito (HAESBAERT, 2020, p. 80).



Fonte: Martins, 2022.

## REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BRASIL. Lei nº 5.452, de 01 de maio de 1943. **Convenção das Leis Trabalhistas**. Rio de Janeiro, Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm). Acesso em: 01 dez. 2022.

DUARTE, Constância Lima (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, vol. 22, n. 48, p. 75-90, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100>.

LANDER, Edgardo. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p. 21-53.

MARTINS, Alécio Soares, Fotos das figuras 1 a 13. Acervo pessoal, 2022.

**NOMES:** LETÍCIA ESPADIM MARTINS  
SUZANNY CUNHA DA MOTA.

**TÍTULO:** Entre luzes e sombra - povos Kaiowá e Guarani em luta.

**CIDADE:** Dourados, MS.

### **NOTA INTRODUTÓRIA**

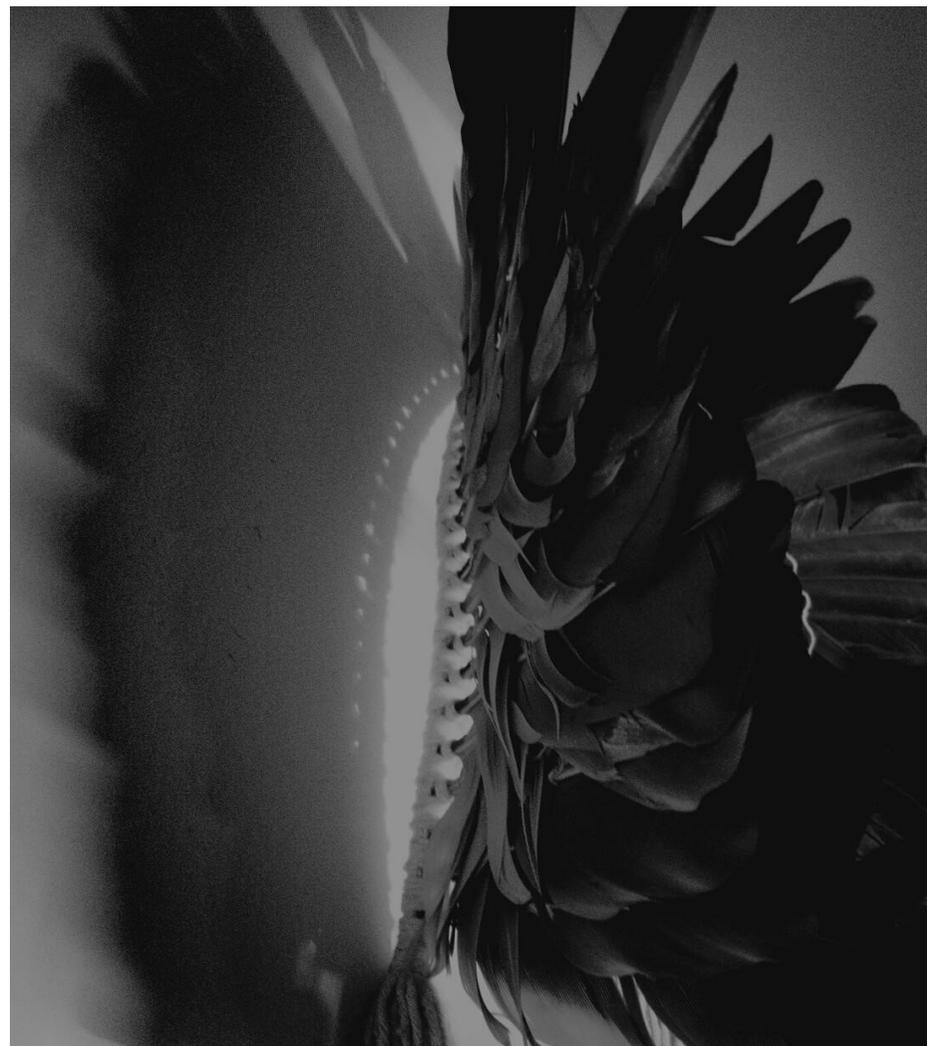
Como em uma colcha de retalhos, os temas dos capítulos desta obra se aproximam e distanciam, em razão da área maior que os abrange: a Geografia.

No entanto, a imersão de escritas plurais decorre de aspectos estudados e vivenciados na academia. Por esta razão, este capítulo, que articula o visual com a intensidade dos movimentos sociais indígenas acompanhados, observados e descritos pelas autoras, propõe um olhar entre luzes e sombras da luta dos povos kaiowá e guarani.

A diagramação e os efeitos visuais das imagens buscam retratar de forma singular a cultura indígena, como forma de expressar as causas e consequências humanas, frente à morosidade do Estado em decidir o Marco Temporal (tese jurídica que altera os critérios para demarcação de novas terras indígenas e interfere na política de isolamento de grupos que não tiveram ou não tem contato frequente com outras pessoas da sociedade).

O que se propõe é uma releitura para o(a) não-indígena, sobre o que significa território para o(a) indígena.

**Figura 1 – O cocar.**



Fonte: Martins, 2022.

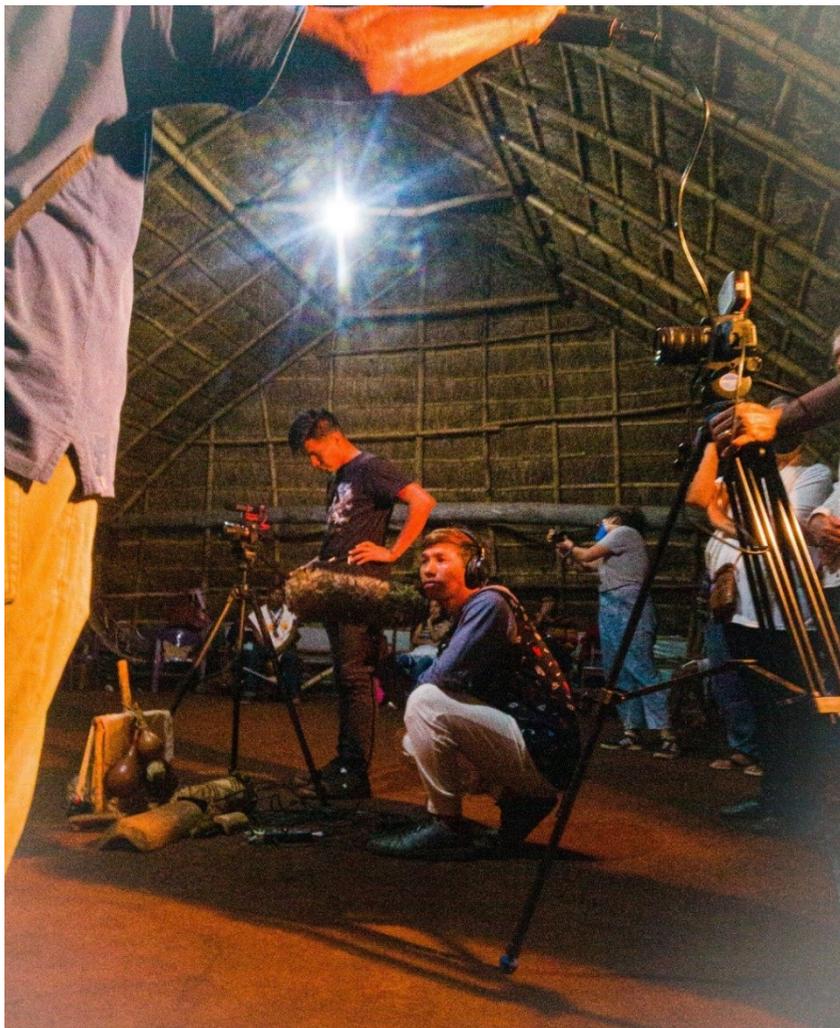
O cocar carrega a cultura dos indígenas e sinaliza responsabilidade e respeito; sua beleza é singular e faz ligação com seus ancestrais e com a natureza. Símbolo da história e da luta indígena, o cocar representa “a força sagrada de um guerreiro”. Por isso, ele é utilizado por lideranças, e simboliza o poder de chefes e guerreiros de cada aldeia indígena. Junto dele está a conexão do guerreiro com o grande espírito, se tornando um símbolo de sua resistência ao processo colonial iniciado com a invasão portuguesa em 1500 e que perpetua até os dias atuais. O cocar não é um acessório ou enfeite, assim como os indígenas não são uma massa homogênea; cada povo usa e confecciona seus adornos à sua maneira. Não existe um tipo de cocar universal. O cocar, para os povos indígenas, é sinal de orgulho e carrega uma simbologia!

**Figura 2** – O Cocar iluminado.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 3** – A casa de reza.



Fonte: Martins, 2022.

Após nos reverenciarmos diante do cocar, adentramos as Ogapysy (Casas de Reza) dos povos Guarani e Kaiowá. Neste espaço sagrado somos convidados a observar as formas de luta e resistência dos povos Guarani. Junto à espiritualidade e os movimentos tradicionais de luta pela terra, encontramos um audiovisual. Encabeçado pela juventude, esta forma de luta capta as luzes da cultura e da identidade e transforma em materiais de esperança e reivindicação. Pelas lentes do Ñandereko (nosso modo de ser) os povos afirmam: re-existimos.

O movimento nunca para. Mulheres guerreiras Guarani e Kaiowá, na maior mobilização nacional do movimento indígena (Acampamento Terra Livre - ATL) nos colocam para pensar:

*“O índio lutador, tem sempre uma história para contar. Coisas da sua vida, que ele não há de negar. A vida é de sofrimento, eu luto por minha terra, porque ela me pertence. Ela é minha mãe, e faz feliz muita gente. Ela tudo nós dá, se plantarmos a semente. A minha luta é grande, não sei quando vai terminar. A felicidade de um povo, que vive a sonhar. Ser índio não é fácil, mas eles têm que entender. Que somos índios guerreiros, lutamos para vencer, temos que buscar a paz e ver nosso povo crescer!! [...]” (PATAXÓ, Itohã).*

**Figura 4** – Mulheres guerreiras Guarani e Kaiowá.



Fonte: Martins, 2022.

Por vezes, por conta da violência brutal do Estado e daqueles que por ganância matam e destroem a natureza, alguns guerreiros caem. Por todos aqueles que, de maneira injusta perderam suas vidas na defesa de seus territórios, nossos sentimentos. Na imagem, indígenas e apoiadores se reuniram para plantar o corpo de Vitor Fernandes em seu Tekoha (território tradicional dos povos Guarani e Kaiowá). Vitor foi morto por policiais militares em um evento que ficou conhecido como “Massacre de Guapoy”, quando a polícia militar, sem mandado judicial, invadiu a área de retomada indígena, causando a morte de Vitor e nove feridos. Junto a essa comunidade que, atravessada pela sua perda reivindica “*Demarcação e Justiça já*”, bradamos: justiça por Vitor Fernandes, justiça por Clodiodi, justiça por Alex! Todos os guerreiros Guarani e Kaiowá que tombaram na luta pelo Tekoha.

**Figura 5** – Indígenas e apoiadores se reuniram para plantar o corpo de Vitor Fernandes em seu Tekoha (território tradicional dos povos Guarani e Kaiowá).



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 6** - A raiva toma conta, o silêncio da omissão dos poderes públicos é ensurdecedor, a injustiça revolta a alma, mas a voz daqueles que lutam é potente e presente. Com o cocar na cabeça, o celular na mão, os povos se erguem mais uma vez na luta pelo seu Tekoha.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 7** - Kunatai Yvutyju (Aline), artesã e ativista na defesa dos direitos dos povos originários, com seus olhos cerrados, seu cocar apontado aos céus e seus colares que lhe protegem o peito, alça um olhar firme no horizonte: somos mulheres Guarani e Kaiowa em luta. Resistência jovem e feminina na busca pelo Tekoha.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 8** - A garra das mulheres Guarani e Kaiowá carregando junto a seus corpos seus filhos, entoando seus cantos tradicionais deixam claro: enquanto houver o som do Mbaraka e do Takuapu, haverá luta!

*“A mãe do Brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho de seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Sua raiz vem daqui, do povo ancestral que veste uma história, que escreve na pele sua cultura, suas preces e suas lutas.” (KREXU, Myrian, 2022).*



Fonte: Martins, 2022.

A espiritualidade guarda os corpos Guarani e Kaiowá, cura as marcas coloniais deixadas no corpo e na alma. Espaço sagrado, onde acontecem os rituais do povo Guarani, as Ogapysys (casa de reza) abrigam o chiru, instrumento religioso vital. Os Guarani conversam com o chiru, que os coloca em contato com as divindades. O chiru utilizado pelos Ñaderus e Ñandesy afasta males e cura doenças. É suporte das famílias e da própria terra. A casa de reza não é um mero templo, no sentido dado por outras religiões. É uma casa de educação, transmissão de conhecimento, tradição e aprofundamento das relações sociais, um espaço onde são tomadas as decisões políticas, um espaço de luta.

**Figura 9** - A espiritualidade guarda os corpos Guarani e Kaiowá.



Fonte: Martins, 2022.

A coletividade é parte integrante da cultura indígena. Atualmente, unidos pela luta pela terra, povos do Brasil inteiro marcham em solidariedade e comunhão. As diferenças étnicas servem apenas para lembrar: somos muitos e estamos juntos.

Indígenas de diversas regiões do Brasil se reúnem anualmente em Brasília na busca por seus direitos, no maior encontro dos povos indígenas do país, tendo como principal objetivo o enfrentamento da chamada “agenda anti-indígena”. Estima-se que 8 mil indígenas estiveram participando do acampamento “Terra Livre”.

**Figura 10** - A coletividade é parte integrante da cultura indígena.



Fonte: Martins, 2022.

**Figura 11** - Por fim, no fim, o que se sabe é o que estava presente no começo: o Brasil é terra indígena!



Fonte: Martins, 2022.

Para esses povos que não cabem em reservas, que não querem sua diversidade morta por monoculturas, nossa solidariedade. Como, neste exato momento pisamos em solo Guarani, a esses povos pedimos licença.

## REFERÊNCIAS

HISSA, Cássio E. V. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da Geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

MARTINS, Leticia Espadim. Fotografias da aldeia Guarani e Kaiowá. 2022.

PATAXÓ, Itohã. **POEMA: A VIDA DO ÍNDIO**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTAzOTM5MA/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

REPAM, Rede Eclesial Pan-Amazônica. **A mãe do Brasil é indígena**. 21 de abril de 2022. Disponível em: <https://repam.org.br/mae-do-brasil-e-indigena/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

**NOME:** MANOEL MESSIAS FERREIRA DE MACEDO.

**TÍTULO:** Geografia(s) e vida.

**CIDADE:** Vicentina-MS.

### **NOTA INTRODUTÓRIA**

O autor, na construção do capítulo “Geografia(s) e vida”, faz uma releitura dos impactos socioambientais da monocultura no município de Vicentina, estado de Mato Grosso do Sul.

A (re)construção do espaço através do limite posto ou imposto pelas plantações da cana-de-açúcar, como “algo que se insinua entre dois ou mais mundos, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença e aportar o que não pode permanecer ligado.” (HISSA, 2006, p. 19<sup>1</sup>).

Entre o lirismo e a dor de memórias saudosas da “antiga” Vicentina, o autor desenvolve a escrita com os elementos da natureza, que permanentemente atravessam a vida humana. A abordagem feita traz fragmentos do cotidiano com diferentes recortes temporais, desde o manejo do gado até a nova formação da paisagem com o plantio da cana-de-açúcar.

O pequeno produtor rural versus o grande latifúndio, os limites impostos por linhas topográficas que sinalizam um território vigiado, proibido, restrito. Limites que são questionados e costurados com imagens, ortografia e analogias entre preservar ou definhar com a geografia da vida.

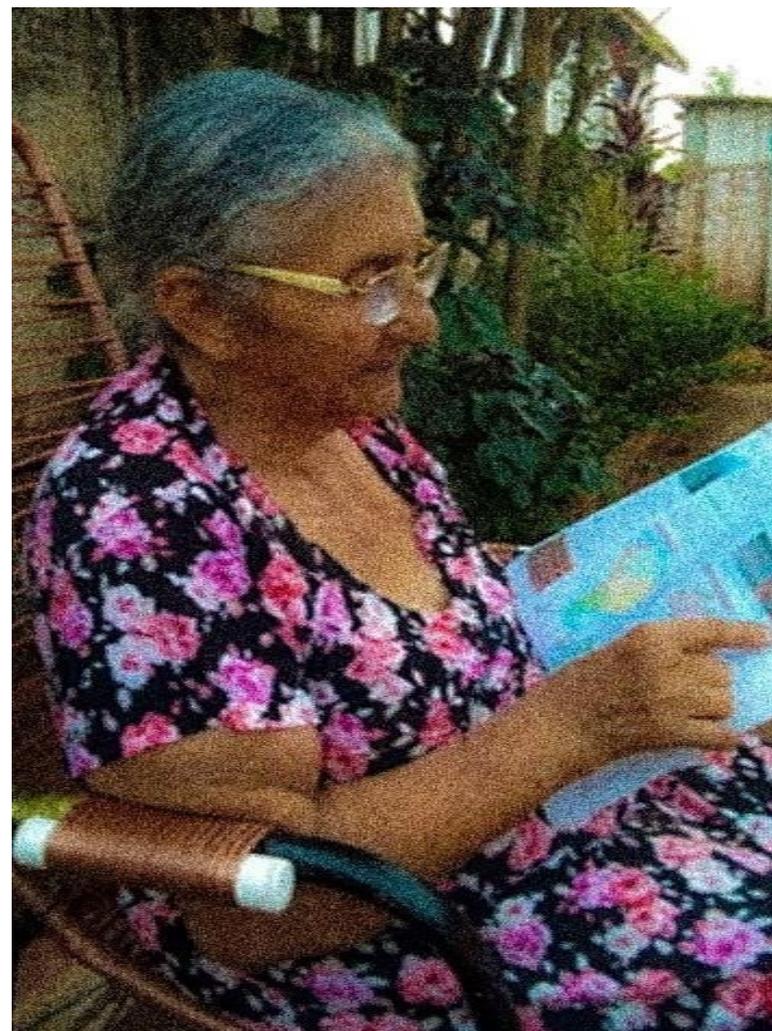
Entre a aparente dicotomia, entre natureza e o homem, as rugosidades físicas e humanas produzem e reproduzem o espaço vivido.

Assim como as rochas apresentam as rugosidades no espaço (Figura 1), nós e nossas rugosidades nos transformamos até virarmos pó. Homem-Natureza.

Assim, como a senhora (Figura 2) ao soletrar as palavras da (g-e-o, geo- g-r-a-gra, f-i-a-fia, geografia). Geografia da vida que se transforma em rocha e rocha que se transforma em terra.

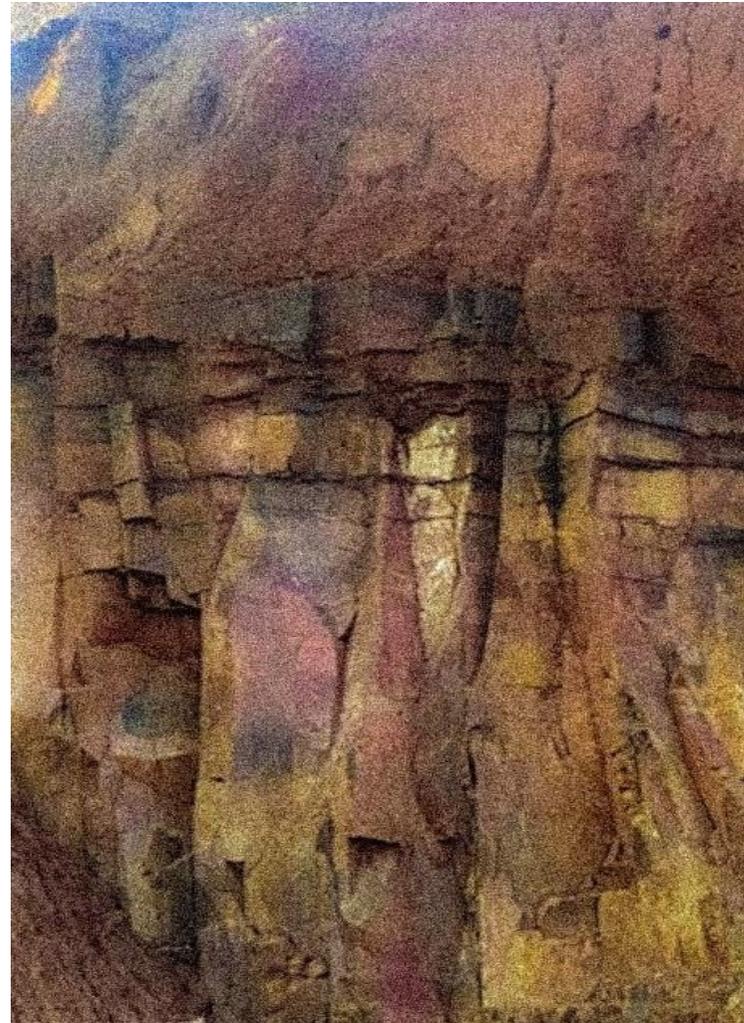
Homem e natureza, aparentemente separados pela modernidade, porém ambos reproduzem memórias e histórias. Memórias guardadas nas rugosidades das marcas de expressão e em suas camadas, ação do tempo no homem e na natureza.

**Figura 1** - A Rugosidade no tempo.



Fonte: Macedo, 2022.

**Figura 2** - As rugosidades do espaço no tempo.



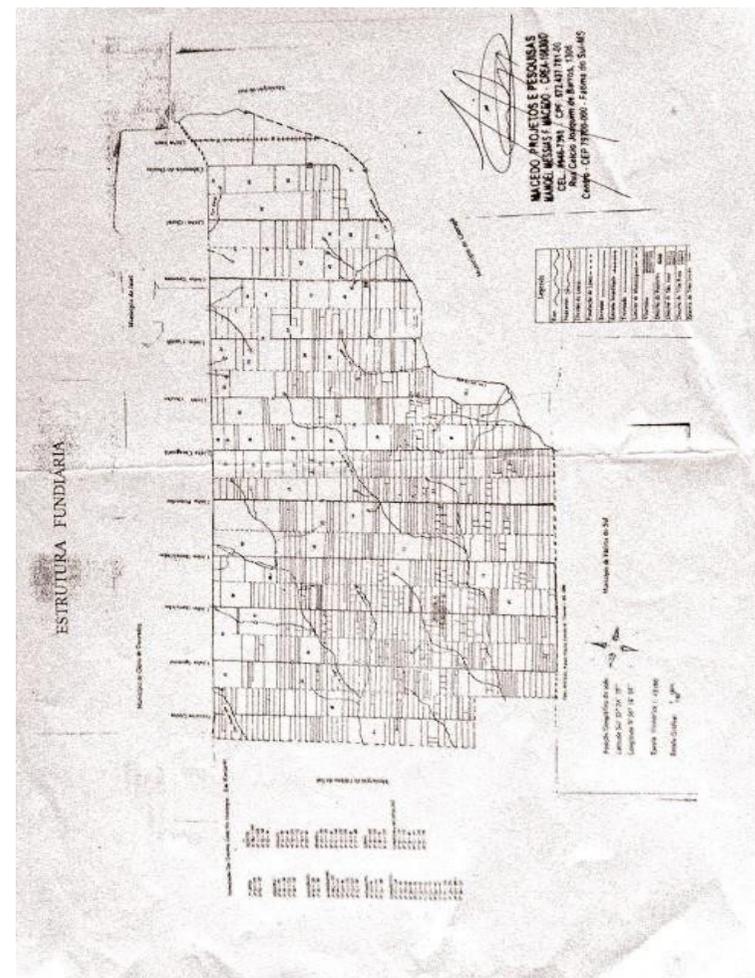
Fonte: Macedo, 2022.

Na relação homem e natureza, o homem transformou a terra em um pedaço de chão. Um espaço dividido e subdividido posto no mapa e registrado em cartório.

Limites entre dois mundos, dois modelos de produção, duas formas de relacionar-se com a terra e a natureza.

A Figura 3 mostra o mapa de uso do solo do município de Vicentina, Estado de Mato Grosso do Sul, dividido por duas linhas, entre a pequena e grande propriedade, o camponês e o latifundiário. Fronteira(s) de modos de vida, fronteiras e barreiras de demarcações e suas projeções cartográficas; mas a natureza que se separou do homem segue seu curso ultrapassando fronteiras e barreiras.

**Figura 3 - Estrutura Fundiária Vicentina.**



Fonte: Macedo, 2006.

Nesse lugar, aparentemente no meio do nada, hoje uma casa “abandonada” (Figura 4). Ali tudo mudou: o homem, o espaço e o modelo de produção; apenas as árvores ainda são testemunhas das vidas que ali passaram.

Entre as canas não tem mais milho, não tem arroz, não tem feijão. Nem aos fundos, o chiqueiro de porcos, muito menos o velho mangueirão; somente terras de cana-de-açúcar produzindo barreiras e fronteiras.

Seu Dival logo dizia: *“fico eu na contramão, tem cana pra todo lado, morre de veneno o gado, me veem um pobre coitado, doente e muito assombrado, andando tocando o gado, mas não veem o resultado”*.

O espaço da vida, das pessoas, da produção de alimentos se transformou em rugosidades. Pequenos enclaves na paisagem e na memória dos mais velhos.

**Figura 4** - Casa “abandonada” na área rural, linha do barreirinho município de Vicentina.



Fonte: Macedo, 2022.

No município de Vicentina plantava-se milho, arroz, trigo e feijão. Havia muita mamona, algodão (Figura 5), cana-de-açúcar para rapadura, vida boa da família, com fartura, por mais que a roça fosse dura.

**Figura 5** - Colheita de Algodão.



Fonte: Macedo, 2022.

Diz o velho produtor: agora tudo é saudade, essa fase acabou não tem mais felicidade. Do facão à colhedeira, do cavalo ao trator, e das pessoas, todas dessas terras, só saudade ficou.

Pouco se vê o gado solteiro, estradeiro que, sem demora, também foi embora; só resta a lembrança, o toque do berrante e poeira. (Figura 6).

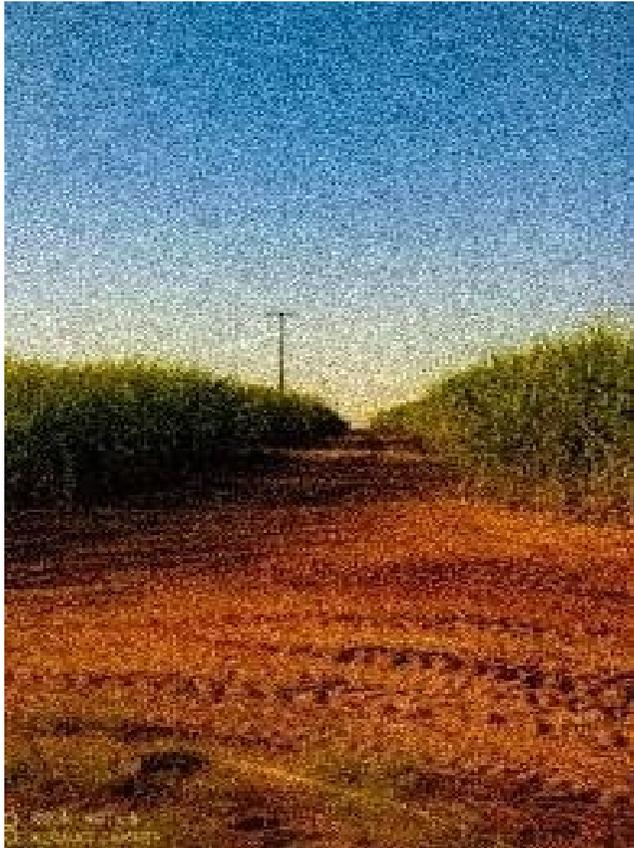
A produção de cana-de-açúcar é para os “fortes” ou “os donos do poder”, e o que resta para o velho produtor é viver na vida urbana com o pouco que restou.

**Figura 6** - “Pés” de Boi.



Fonte: Macedo, 2022.

**Figura 7** - Monocultura da cana-de-açúcar.



Fonte: Macedo, 2022.

Nas trilhas dos canaviais (Figura 7), sobe a poeira das terras vermelhas desse estradão.

Na natureza, somente a grande plantação.

Não tem mais peixe, porque oveneno está lá.

Não tem mais carroça, porque o trator está lá.

Não tem mais engenho, porque a usina está lá.

Não tem mais vaca, só os tambores estão lá.

Não tem mais corpos, porque as vidas e as histórias ficaram nas memórias e nas rugosidades do espaço-tempo.

**Figura 8** - Lixão de Vicentina.



Fonte: Macedo, 2022.

O moderno e o novo dos “espaços luminosos”<sup>iii</sup> da monocultura da cana-de-açúcar geram o seu outro, os “espaços opacos”, os espaços da pobreza e da desigualdade social.

No amontoado de lixo, na cidade pequena de Vicentina, a luta de classes revela toda a perversidade do modo de produção capitalista.

E as pessoas que sobrevivem do lixo, e não possuem um pedaço de chão, esperam a cada dia um novo sol brilhar e uma “outra globalização”<sup>iv</sup>. Em suas trilhas deparam-se com espinhos, ferro e vidro que corta as mãos, mas, também o coração de quem luta pela vida e por um pedaço de chão.

Do tradicional ao moderno modelo de produção, do antigo caminho às novas estradas que escoam a produção. Mesmo o sol brilhando para todos, nem todos tem o mesmo pedaço de chão.

Homem e natureza já não possuem a mesma inter-relação. A natureza “natural” (como força de expressão) quase esquecida nesse pedaço de chão, mas como a luz nasce no silêncio do amanhecer sobre o verde do mato e, a ponte as incertezas ainda abre espaço para novos horizontes. (Figura 9).

**Figura 9** - Horizonte ao amanhecer de Vicentina.



Fonte: Macedo, 2022.

## REFERÊNCIAS

HISSA, Cássio E. V. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da Geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

MACEDO, Manoel Messias Ferreira de. Fotos de Vicentina. 2006 e 2022.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

**NOMES:** CAMILA LEDESMA SANTANA DE ALMEIDA

MÁRCIA DUTRA DA SILVA ALFONSO.

**TÍTULO:** Imagens de Expressão: Tempos e Espaços, Muros, Humanidade ou Humano?

**CIDADES:** Campo Grande e Ponta Porã-MS.

### **NOTA INTRODUTÓRIA**

Esse é um capítulo convidativo, que apresenta reflexões uníssonas, de quem cumula afetos e alteridade em relações humanas intramuros.

O texto transita em imagens de expressão com analogia entre tempo e espaço, humanidade e humano. A escrita se nutre do olhar e vivência das autoras, que são professoras da rede básica de ensino.

O olhar intramuros e o questionamento sobre humanidade, resultam das experiências como educadoras no sistema penitenciário. Entre construções de muros e sonhos, comparativos dos espaços sociais modificados pela ação humana, universidades e rodovias, por exemplo.

Talvez esse capítulo lhe possibilite uma experiência atípica, em transitar o “ver” para o “olhar”, além da materialidade espacial.



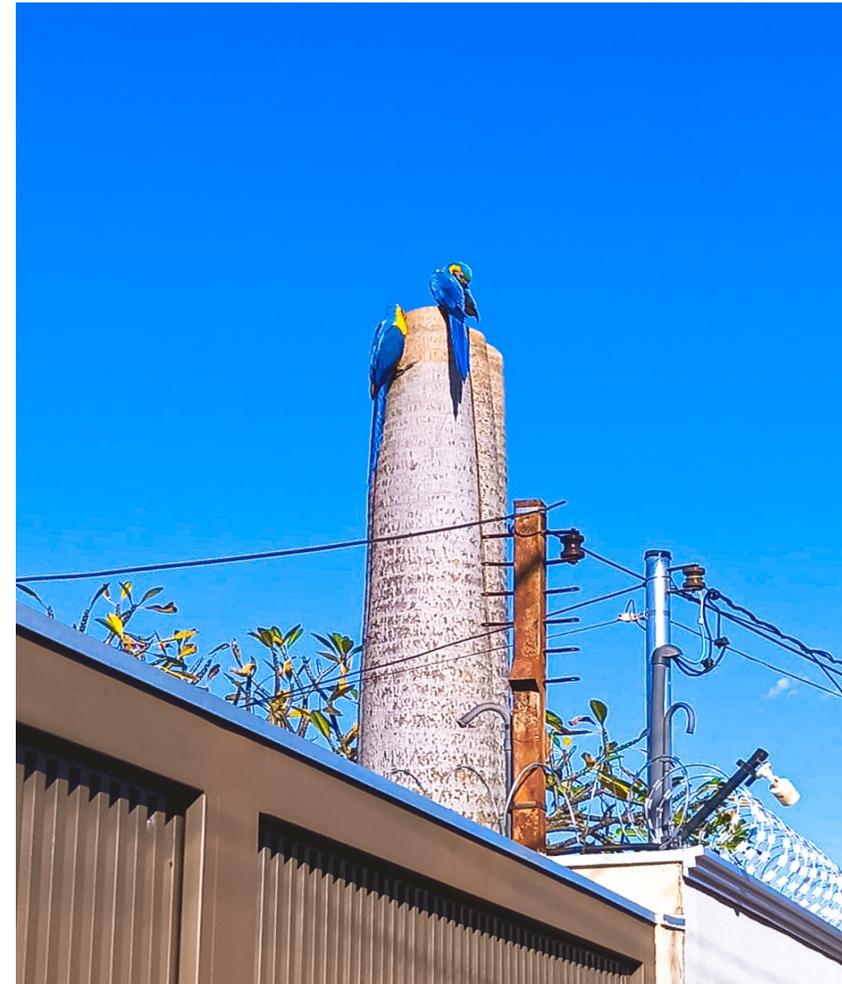
Muros... Humanidade ou humanos?

A humanidade constrói muros... Em um dia ensolarado na cidade de Campo Grande, conhecida como “Cidade Morena”, uma caminhada pelo bairro Flamboyant permite observar inúmeras residências caracterizadas pela presença de muros altos, cercas eletrificadas e sistemas de proteção como concertinas. Esses elementos compõem uma paisagem que revela a expressão visual das preocupações com a segurança. Esse cenário evidencia que os mecanismos destinados ao controle e à limitação de acesso encontram-se cada vez mais acentuados, em parte devido à participação parcial do Estado e das estruturas governamentais na promoção da segurança. Isso, por sua vez corrobora para a estruturação de poderes alternativos intrinsecamente ligados à recorrente desigualdade social, a qual, por sua vez, vivifica a ocorrência de atividades criminais. A evidente abundância de dispositivos de contenção ilustra a fragilidade das abordagens relacionadas à delimitação de territórios, frequentemente pautadas em soluções temporárias de fechamento (HAESBAERT, 2014).

Nesse mesmo contexto, a sociedade e a natureza encontram-se concebidas como dialeticamente interligadas, onde a sociedade concebe e se apropria da natureza, e, no momento em que a transforma, acaba transformando a si própria (LOPES, 2013).

Enquanto os muros cercam, demarcam e fecham, as araras voam livres e grasnam, ultrapassando as barreiras visíveis e invisíveis, demonstrando aos humanos que a liberdade é um espaço que criamos dentro do peito (Figura 1).

**Figura 1** - Referência sobre o natural e o artificial em um mesmo espaço.



Fonte: Almeida, 2022.

**Figura 2** - Referência à construção de universidades.

A humanidade...

Constrói universidades, a educação tem o poder de romper fronteiras da desigualdade, violência e desconstruir o pensamento abissal por meio do respeito à diversidade, com o tratamento igual para todos os povos, reconhecendo suas diferenças, sem inferiorizar o que é diferente, buscando absorver tais conhecimentos no pensamento ocidental, onde as diferenças devem coexistir, as culturas devem dialogar e ter a mesma voz (SANTOS, 2007).

A Figura 2 reflete a fachada principal da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), na cidade de Dourados, observada a partir da parada de ônibus, por olhos de gratidão, pois trata-se da realização de um sonho, sonhado pela ótica de uma menina pobre da periferia que cresceu, e, naquele momento, caminhando pela primeira vez como mestrandia, viu seu sonho sendo abraçado pela Universidade Federal da Grande Dourados, por meio do cartaz de boas-vindas (Figura 3).



Fonte: Almeida, 2022.

**Figura 3** - Referência ao sonho em ingressar no mestrado.



Fonte: Almeida, 2022.

E o humano?

O humano constrói barreiras, obstáculos, muros. A Educação de Campo pede socorro! O curso poderá fechar, sem acesso a financiamento, necessário para sua manutenção, cortes de verba. No ano de 2022, a humanidade formada pelos acadêmicos da UFGD, do curso de Licenciatura em Educação no Campo (LEDUC), da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), se manifestou na reitoria da universidade em uma luta para transpassar o muro visível e invisível, em uma busca incansável pelo atendimento a demandas como a construção de uma Casa de Alternância para os estudantes da faculdade, custeio integral de transporte, alimentação e alojamento pela UFGD (figuras 4 e 5).

O ataque à educação pública de qualidade, falta de investimento, além de reforçar o muro da desigualdade e da violência ainda cria muros... Sim!

**Figura 4** - Centro Universitário de Dourados.



Fonte: Almeida, 2022.

O ataque à educação pública de qualidade, falta de investimento, além de reforçar o muro da desigualdade e da violência ainda cria muros...  
Sim!

**Figura 5** - Movimento contra cortes no curso de Licenciatura em Educação no Campo (LEDUC), da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND).



Fonte: Almeida, 2022.

A humanidade cria prisões! Muros imponentes nas cores preto e amarelo que simbolizam o território da Agência Estadual de Administração do Sistema Penitenciário (AGEPEN) no Estado do Mato Grosso do Sul.

E o humano?

Nas proximidades do Instituto Penal de Campo Grande-MS (IPCG), localizado no bairro Jardim Noroeste, um bairro notoriamente estigmatizado devido à presença das instalações penitenciárias, existem, imediatamente além dos muros desta edificação de segurança, indivíduos humanos que se encontram privados de liberdade e submetidos a sanções em virtude dos delitos que perpetraram.

Ali encontram-se adultos, jovens e idosos que já foram meninos, agora encarcerados enfrentam alto custo para sobrevivência. Apesar de passarem despercebidos como integrantes da sociedade. Apesar de existir uma iniciativa em curso para reintegração. A pergunta crucial é: Deve-se **educá-las** ou **reeducá-las**?

Nesse contexto, observa-se os humanos meninos na (Figura 6) que transitam inocente e confortável a caminho da escola, bastante familiarizados com os muros robustos do IPCG. Nota-se que existe uma objetividade e subjetividade dos elementos presentes na paisagem captada pela fotografia, e que é possível relacioná-las com o espaço e as relações sociais que coexistem, e que podem ser conflituosas (LOPES, 2013).

Mas não são conflituosas sob o olhar desprovido de malícia e preconceito de uma criança, que sonha com um futuro de esperança e transformação. Meninos são educados do lado de cá, meninos crescidos são reeducados do lado de lá!

**Figura 6** - Crianças voltando da escola, pela calçada da penitenciária.



Fonte: Almeida, 2022.

Relação espaço-tempo humanos no sentido individual em que sobrevivem e, ao mesmo tempo, humanidade no sentido coletivo em que vivem. Em determinados momentos somos um só, damos voz às nossas necessidades, indagamos, por meio de nossas mazelas e vicissitudes individuais, que nem sempre são interessantes para outras pessoas, agradamos e desagradamos agindo sozinhos, mas também em outros momentos agimos pela coletividade, pelo bem da comunidade em que nos inserimos, nos grupos com quem nos identificamos e que nem sempre estamos sendo corretos enquanto humanidade! Humanos ou humanidade, temos um longo caminho para evoluirmos em consciência!

A evolução faz parte de um caminho sinuoso a perseguir, percorrer e persistir, então...

A humanidade constrói estradas!

E o humano?

O humano constrói a paisagem (territorialidades) às margens da BR-060, (Figura 7) demarcada por diferentes processos conflitivos de territorialização que se confrontam na busca por autonomia de frações do espaço socialmente produzido e que se voltam para o uso e o consumo preponderantemente segmentado e/ou classista e delimitado pelo muro de zinco (POZZO, 2012).

**Figura 7** - Construção de muros a margem da BR-060.



Fonte: Alfonso, 2022.

A humanidade constrói casas!

E o humano?

O humano constrói suas experiências como forma de resistência, inaugurando um espaço na luta pela terra e pela sobrevivência às margens da rodovia BR-060, delimitada e sinalizada por muros de tela tapume laranja.

A humanidade constrói o agronegócio! Agro é tech, agro é pop, agro é tudo, mas também é nada para muitos.

E o humano?

O humano observa o agronegócio acontecer a todo vapor na BR-463 com toda a infraestrutura necessária...

**Figura 8** - Casas à margem da rodovia BR-060.



Fonte: Alfonso, 2022.

Na área de fronteira entre Brasil e Paraguai, na divisa territorial que demarca e separa espaços limítrofes; o homem se reinventa na tentativa de sobreviver com o pouco que tem uma pitada de conhecimento e um barraco para servir de borracharia. Separado, fendido, desagregado da imponência do agro pela estrada que mais parece um muro invisível do capital na demonstração de desigualdade social, bastante severa no nosso país.

Afinal tudo começa e acaba em muros, e quem somos nós? Humanidade ou humano? De que lado do muro, estamos? O que tem do outro lado do muro? Uma coletividade ou uma individualidade? Uma luta válida ou descabida? Um direito ou um dever? Nunca saberemos enquanto os muros existirem.

**Figura 9** - Na divisa entre Brasil e Paraguai, uma borracharia entrelugares.



Fonte: Alfonso, 2022.

**Figura 10** - Referência a muros, divisas, território demarcado.



Fonte: Alfonso, 2022.

## REFERÊNCIAS

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

POZZO, Clayton Ferreira dal. **Pelo espaço ou pelo território?** Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial. *Revista Nera, Presidente Prudente, Ano 15, v. 15, p. 50-68, jul/dez 2012.* Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/2110>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In: Novos estudos (CEBRAP) 79, Nov. 2007.* Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt#>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

**NOMES:** LUCI MEIRE CORRÊA ANASTÁCIO

WAGNER GALVÃO RIBEIRO FILHO.

**TÍTULO:** Fronteiras - encontros e desencontros nas cidades gêmeas.

**CIDADES:** Cidade(s) gêmea(s) de Ponta Porã – Brasil e Pedro Juan Caballero – Paraguay.

### **NOTA INTRODUTÓRIA**

O capítulo foi escrito por uma professora da rede municipal de ensino residente em Ponta Porã, Luci Meire, e Wagner, com domicílio em Campo Grande, mas que tem identidade com a fronteira Brasil/Paraguai em Ponta-Porã e Pedro-Juan Caballero, em razão da experiência de vida cumulada na Espanha, enquanto migrante com sua família.

O texto trabalhado harmonicamente com fotografias, busca voltar o olhar para uma realidade socioespacial singular, em que pessoas transitam, de forma binacional, mas compartilham mutuamente de um espaço que consideram comum.

Os aspectos de contribuição inéditas se comprazem com as adversidades impostas, no período de restrição sanitária, às fronteiras secas pela COVID-19 e a proximidade e o distanciamento permanente das crianças paraguaias que frequentam escolas brasileiras.

O vínculo entre pessoas e espaço é único, mas as políticas públicas voltadas à região, carecem de humanidade para decisões que delicadamente, deveriam ser singulares.

Para isso, convidamos o(a) leitor(a) a conhecer um pouco sobre os encontros e desencontros nas cidades gêmeas.



**Figura 1** – Fronteira entre Brasil (Ponta Porã) e Paraguai (Pedro Juan Caballero).



Fonte: Anastácio, 2022.

As fotos das figuras 1 e 2 mostram um marco de cimento, “símbolo visual do limite”, que traz aproximações e distanciamentos. Na paisagem, apenas um marco de cimento, no território, os encontros e desencontros das múltiplas territorialidades.

Os marcos da linha internacional entre Brasil e Paraguai, destacados na fronteira de Ponta Porã - MS e Pedro Juan Caballero - Amambay, expressam a histórica formalidade dos tratados internacionais e a preocupação em definir e delimitar linearmente os territórios, estabelecendo o limite e o alcance de seu domínio político e soberania nacional.

Mas o território fronteiriço também é “dominado” por sujeitos não-estatais, os quais territorializam a fronteira de “baixo para cima”, através de práticas cotidianas, concebendo um território apropriado por cidadãos fronteiriços, por uso e posse, produzindo a permeabilidade da zona de fronteira.

Nesta fronteira, o território deve ser compreendido, além da concepção de limite que separa os sujeitos na faixa de fronteira, também na relação e na permeabilidade fronteiriça, na qual os sujeitos produzem seu espaço vivido, concebendo transterritorialidades e saberes compartilhados por meio das vivências, trocas, conflitos, encontros e desencontros.

Das territorialidades, que se estabelecem entre os habitantes de ambos os lados do limite internacional do Estado-Nação, emergem novas formas de saber, de relacionar-se, de identificação com as tradições, os conhecimentos, a vida em comum que é inerente aos que vivem nestas cidades gêmeas.

**Figura 2** - A imagem expressa a demarcação do limite internacional por meio do marco, mas também se verifica a abertura da fronteira que facilita a circulação e as múltiplas possibilidades de contato transnacional de seus habitantes.



Fonte: Ribeiro Filho, 2023.

**Figura 3** - Um dia nublado e comum no ir e vir das pessoas, dos carros e das mercadorias. Um fluxo e mobilidade “normal” como em toda cidade, seja, brasileira ou paraguaia; mas, as bandeiras e o marco do limite internacional, simbolicamente, expressam o lado de cá e o lado de lá.



Fonte: Anastácio, 2022.

Nesta fronteira, as bandeiras expressam um espaço de transição, onde predominam as normas impostas por cada Estado-Nação. Mas, os habitantes da fronteira estabelecem relações culturais que transpassam as normas jurídico-administrativas, o que produz hibridismos expressos em diferentes manifestações e intensidades. A polca, o chamamé, a sopa paraguaia, a chipa e o tereré são alguns elementos assimilados pelos brasileiros, assim como músicas, política e futebol brasileiro, por exemplo, são assimilados pelos paraguaios, tornando-se elementos culturais que se manifestam em diferentes escalas espaciais dos encontros na fronteira.

A organização espacial das cidades gêmeas (Figura 3) evidencia a disputa de acesso aos serviços sociais básicos para os habitantes fronteiriços. A mobilidade e a fluidez das pessoas em busca de acesso aos serviços públicos como saúde, educação, e assistência social do lado brasileiro, desencadeiam desencontros, conflitos e diferenças.

O limite é percebido no acesso (ou não), aos serviços públicos oferecidos em Ponta Porã-MS, Brasil, uma vez que os paraguaios necessitam comprovar nacionalidade e residência, com documentação brasileira, para terem direito ao mesmo.

**Foto 4:** Esta imagem expressa a territorialidade e o controle por parte das escolas brasileiras de/na fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Embora seja uma escola com mais infraestrutura e cobiçada pelos alunos fronteiriços, seu acesso parece ser limitado, como é exposto no banner na entrada, sinalizando a obrigatoriedade de documentação brasileira para realização da matrícula.



Fonte: Ribeiro Filho, 2023.

Viver na/da/em fronteira é o sonho realizado pelos fronteiriços, com seus encontros/desencontros no comércio, nos serviços, na vida familiar, social, e nas políticas sociais, de educação e saúde; enfim, na totalidade das relações sociais.

Os desencontros se expressam nos desafios de cooperação internacional, de integração das políticas públicas dos dois lados da fronteira. Cidades gêmeas da permeabilidade, do hibridismo e da falta de acordos conjuntos para pensar a vida e os problemas cotidianos de duas cidades singulares.

**Figura 5** - Escola Pública no município de Ponta Porã-BR. Um muro do encontro, da diversidade, da porosidade da fronteira.



Fonte: Anastácio, 2022.

Na fronteira, existe a esperança, caminho(s) de vida e liberdade, por meio de *'la enseñanza'*. As fronteiras da escola ou escolas de fronteira abrem-se para estudantes fronteiriços que, conseguem documentação brasileira e se adaptam à homogeneização do ensino monolíngue e unilateral.

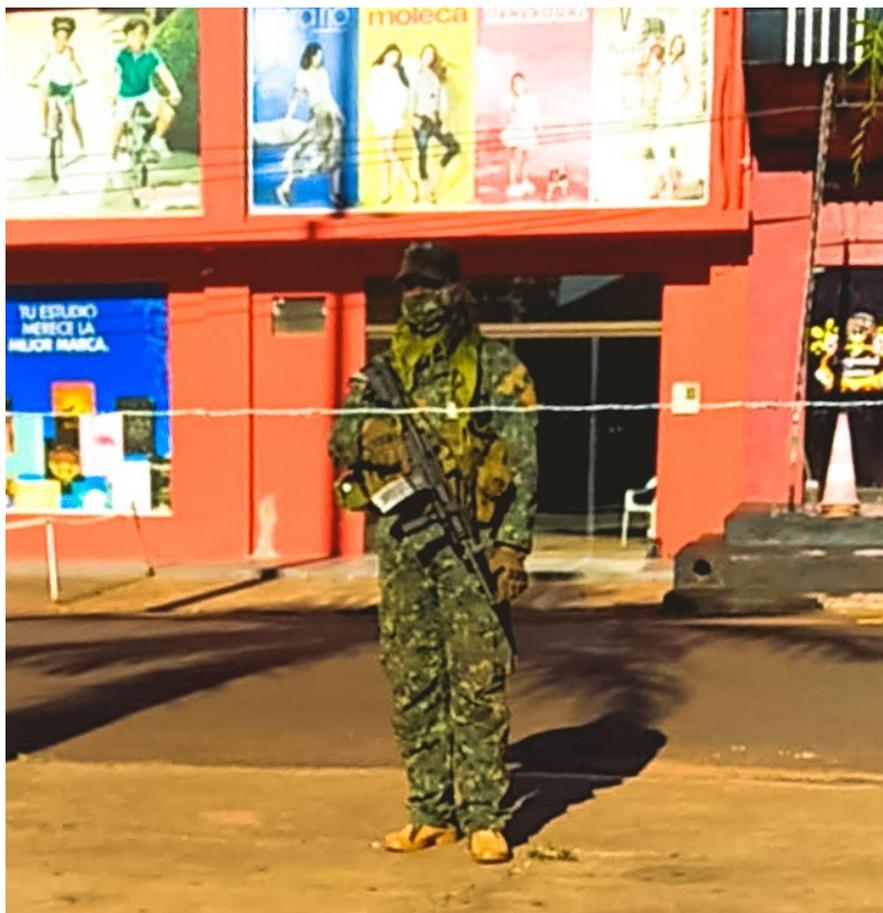
Neste espaço, embora haja possibilidade de ver e conviver com a alteridade, de compreender-se e aceitar-se em meio à diversidade, ainda existem relações de rejeição em torno da língua do outro. Nas escolas brasileiras a língua guarani é negada, onde ocorrem situações de repreensão aos alunos que a acionam. Num espaço escolar híbrido multilíngue, há outras fronteiras e concepções que precisam ser desconstruídas, e as políticas linguísticas podem ser uma das possibilidades.

Os alunos vivem em ambos os lados da fronteira, produzindo diversidade, hibridismo e desafios.

Este espaço é construído por aqueles que aqui vivem, pessoas simples, contudo ricas em cultura(s), que guardam pensamentos, sentimentos, desejo de uma vida melhor. É portal de ir e vir que possibilita encontros, mas, também desencontros.

Este recorte espacial algum dia será diferente? Já é diferente. Muito diferente de todas as outras escolas do restante do Brasil. São as escolas da fronteira, da diversidade sem igual, multicultural, multissocial, poliglota, local e internacional.

**Figura 6** - Rondas da Guarda Nacional do Paraguai, em Pedro Juan Caballero.



Fonte: Anastácio, 2020.

Mesmo sendo porosa, os fronteiriços viveram o “fechamento” da fronteira. Ao defender o “bem-estar nacional”, o Estado-Nação, no evento da pandemia Covid-19, impôs o limite, a divisão e a livre mobilidade das pessoas, mercadorias e veículos entre as cidades “gêmeas”. O cotidiano já não era comum, o sentimento de não pertencimento demarcou o desencontro. A integração e o reconhecimento mútuo foram limitados por arames farpados, pneus, sinalizadores e rondas da guarda nacional na faixa de fronteira (fotos das figuras 6 e 7).

Assim, a fronteira que sempre fora o “entrelugar” (FERRAZ, 2010) para aqueles que a vivem, dos encontros e desencontros do cotidiano, fonte de trabalho formal e/ou informal, do contrabando, do tráfico de “muambas”, do turismo, da riqueza e inter-relações culturais, econômicas, sociais e políticas, transformou-se numa fronteira enquanto limite, do lado de cá e do lado de lá, limitadora do acontecer do território vivido.



Fonte: Anastácio, 2020.

**Figura 7** - Linha de fronteira Ponta Porã-BR/Pedro Juan Caballero Caballero-PY. Ano de 2020, durante a pandemia da Covid-19. O Estado-Nação intensifica seus normas e seus marcos. Os arames e as barricadas transformam a paisagem para além da paisagem, o cercamento e obstáculo do portal do ir e vir.

**Figura 8** - Linha da fronteira seca de Ponta Porã-BR/Pedro Juan Caballero-PY. Ano de 2020, durante a pandemia da Covid-19. Os pneus, o arame, as barricadas transformam e impedem o ir e vir, corriqueiro, da população local.

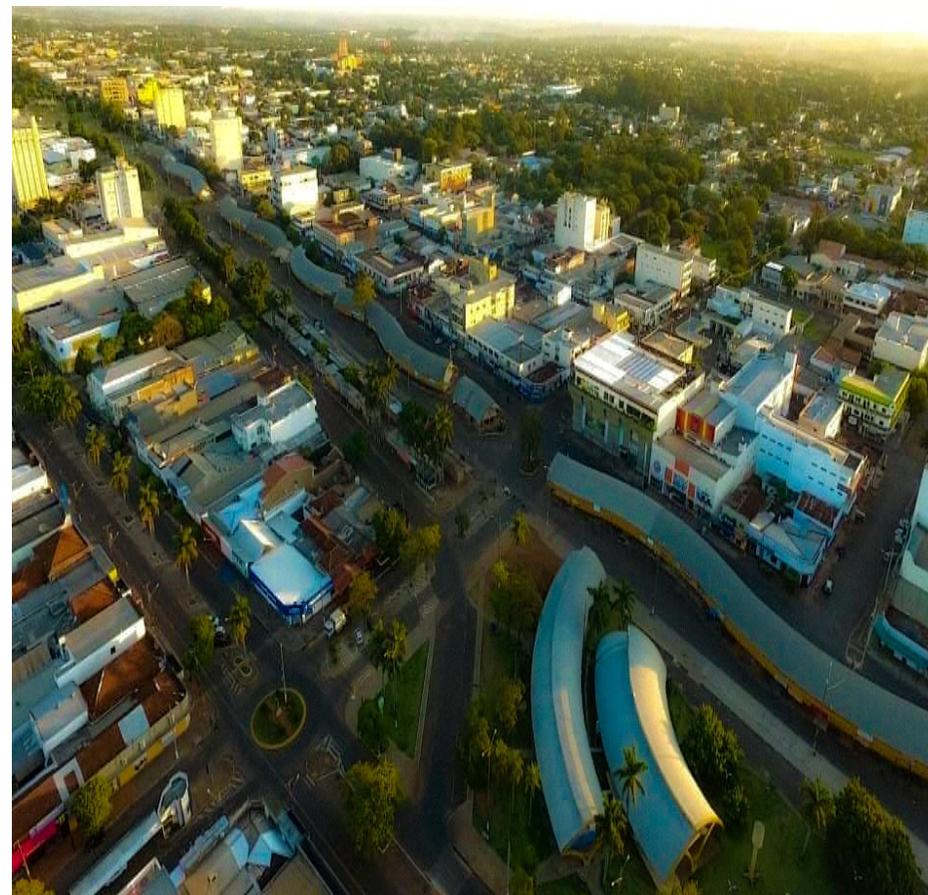


Fonte: Anastácio, 2020.

Viver e trabalhar com/em/na fronteira implica estabelecer um jogo permanente de interpretação e conexões variadas, pois são janelas e portas que permitem a passagem, mas, também, impedem a entrada. Ser fronteira é produzir algo a mais, é ser um plus, é ser mais do que uma soma de partes. É produzir um novo, específico, distinto das partes constitutivas (PESAVENTO, 2006).

Os muros, cercas e barricadas sempre foram uma constante nas relações internacionais e nas delimitações de fronteiras. As fotos das figuras 8 e 9 mostram cercas e barricadas da fronteira PP/PJC em 2020, no evento da covid-19, uma divisão inédita entre as duas cidades gêmeas, transformando a fronteira num novo 'normal'. E as crianças das escolas? E o acesso aos serviços de saúde? O trabalho? A vida cotidiana?

**Figura 9** - Vista de cima, uma única cidade, considerada pelo Ministério da Integração Nacional como cidade gêmea. Na linha do limite internacional, cotidianamente, o movimento dos habitantes produz/reproduz a territorialidade do vivido, mas, também, as normas e controle do Estado-Nação. A fronteira em questão expressa um modo singular de produção do espaço, um espaço urbano binacional e local, produzido e reproduzido pelos encontros e desencontros da fronteira.



Fonte: Almino, 2019.

## REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Luci Meire Corrêa. Fronteira e Educação Pública: **O Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) em Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Mestrado Profissional em Educação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus Campo Grande, 2018.

ALMINO, Waldemir. Imagem aérea de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (figura 9). 2019.

ANASTÁCIO, Luci M. C. Fotografias (figuras 6, 7 e 8). 2020.

ANASTÁCIO, Luci M. C. Fotografias (figuras 1, 3, 5). 2022

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. ENTRE-LUGAR: apresentação. **Entrelugar**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 15-31, mar. 2010. Semestral.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras culturais em um mundo planetário – paradoxos da(s) identidade(s). **Revista del Cesla**, n. 8, 2006, p. 9-19 – Uniwersytet Warszawski, Varsóvia, Polônia.

RIBEIRO FILHO, Wagner G. Fotografias (figuras 2 e 4), 2023.

**NOME:** IVONE DE OLIVEIRA CARVALHO.

**TÍTULO:** Educação no Campo - entre lutas, conflitos e territorialidades.

**CIDADE:** Itaquiraí-MS.

## **NOTA INTRODUTÓRIA**

A autora, na construção desse capítulo, fez uma contribuição valiosa sobre a Educação do Campo: entre lutas, conflitos e territorialidades.

Os contornos das escritas são delineados pela vivência, desafios e reflexões práticas de uma educadora que luta pelo acesso à educação para crianças camponesas, através de escolas rurais.

As fotografias possibilitam aclarar, aos nossos olhos, as condições precárias que muitas crianças e professoras(es) vocacionadas(os) e comprometidos com a causa enfrentam em localidades em que políticas públicas por vezes inexistem.

Mulheres e homens que constroem suas vidas fomentam sonhos e esperanças em um território às vezes imaginário e muito pouco delimitado. Tendo em vista as territorialidades que se movem, lutam e conectam.

*A territorialidade forma o pano de fundo para relações espaciais humanas e concepções de espaço e indica que as relações espaciais humanas não são neutras... é a forma espacial primária que o poder assume. (SACK, 2013, p. 88).*

Entre territórios e territorialidades, quem demarcará a manutenção do idioma como um mecanismo de manutenção do poder, se não as(os) aguerridas(os) professoras(es) da educação? Educação no campo é muito mais que emancipação cognitiva: a luta pela educação no campo também é a luta pelo território.



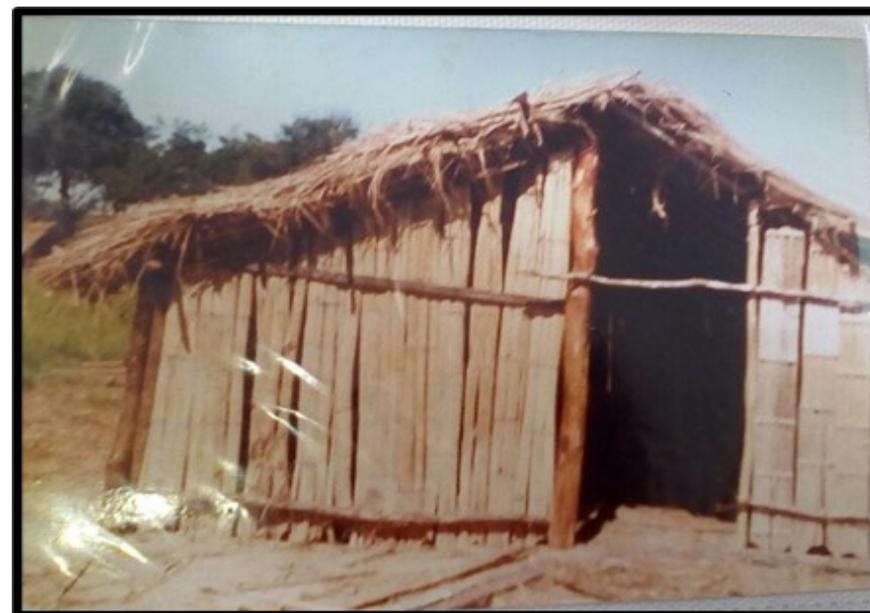
Ah, como o tempo passa! Parece fumaça!

Tempo-espço que guardam rugosidades nas memórias e vidas. Escola velha que abrigou felicidades, conversas e risadas.

Escola velha que abrigou sonhos, alegrias, esperanças e educação.  
Escola velha de madeiras encostadas à beira da estrada.

Escola velha de lutas e resistência dos sujeitos do campo.

**Figura 1** - Escola velha de chão batido, madeiras encostadas e sapé. Ao avistar da estrada, uma simples e singela casa de madeira, mas, em seu interior e paredes, sonhos.



Fonte: Carvalho, 2006.

O sonho de uma vida melhor, o sonho da educação e de educadores. Sonhos e esperanças materializados na casa de madeira encostada na estrada. Escola Municipal Caburaí, no acampamento rural BR-487, município de Itaquirai, 2006.

**Figura 2** - Escola velha de chão batido, madeiras encostadas e sapé.  
Uma kombi escolar, com alguns pais e professor conversando.



Fonte: Carvalho, 2006.

As vidas e a educação cheias de sonhos e esperanças, mudam-se da escola velha de madeira encostada e sapé da beira da estrada para a escola-casa abandonada (que foi improvisada).

A casa abandonada que há muito tempo não era habitada.

A casa vandalizada e menosprezada recebe vidas, sonhos e esperanças.

A casa vandalizada e menosprezada recebe a luta e resistência dos sujeitos do campo e da Educação do/no Campo.

A casa vandalizada e menosprezada transforma-se em escola.

A escola vandalizada e menosprezada pelo Estado recebe crianças que brincam e aprendem dando risadas.

Vidas, sonhos e esperanças que: “numa folha qualquer desenharam um sol amarelo; e com cinco ou seis retas constroem um castelo; com lápis entornam da mão desenharam uma lusa, chuva, guarda-chuva e um abecedário; se um pingote de tinta cai num pedacinho azul do papel; num instante imaginam uma linda gaivota a voar no céu e uma linda escola”. (Alusão à letra da música Aquarela, de Toquinho).

**Figura 3** - Casa amarela, com janelas azuis que, em suas paredes, materializa a ação do tempo. A grama por aparar recebe as cadeiras e as crianças a brincar. A casa abandonada, vandalizada e menosprezada, agora acolhe a educação do campo e as vidas, sonhos e esperanças. Área comunitária da escola municipal Caburaí, sede amarela, 2016.



Fonte: Carvalho, 2016.

Hoje, as vidas, sonhos e esperanças, de um tempo-espço da escola velha de madeira encostada e sapé e da escola casa abandonada, vandalizada e menosprezada se materializam no tempo-espço da escola nova. Escola de tijolos e varandas, de luta e resistências. Luta para que o Estado escute as vidas, sonhos e esperanças presentes na Educação do/no Campo.

Estado que, na materialidade da forma e no conteúdo das normas, desvaloriza a educação, os educadores, as vidas, sonhos e esperanças das crianças.

Estado sem política com P maiúsculo.

Lugar de identidades, sonhos e esperanças.

Território de lutas e resistência que não descolorirá.

**Figura 4** - Luta contra o fechamento da Escola Municipal Santa Rosa- Extensão Caburaí, Itaquiraí.



Fonte: Arquivos Prefeitura de Itaquiraí, 2017.

Outro lugar.

Outro território de luta e resistência da Educação do Campo.

Um barracão de madeira, com grandes portas azuis e telhado de zinco que se mistura aos corpos dos sujeitos. Outrora um barracão para abrigar equipamentos e alimentos e que, no tempo-espaço de hoje, abriga vidas, sonhos e esperanças.

Sem qualquer conforto e difíceis condições estruturais, o barracão não derruba e desanima a alegria das crianças, as lutas e resistências da Educação do Campo.

**Figura 5** - Escola Municipal Santo Antônio, Assentamento Rural Santo Antônio, no município de Itaquiraí , 2015.



Fonte: Carvalho, 2015.

Nessas escolas velhas de madeira encostada e sapé à beira da estrada, nas escolas casas abandonadas e menosprezadas, nas escolas barracões ou nas escolas de tijolos, os sujeitos lutam e resistem por seus direitos.

Educadora/es como tantas Ivone(s) que pedem por paz, saúde, educação, trabalho, conforto, melhores condições de trabalho e vida, e valorização salarial. Pedem pelas crianças do país inteiro. Lararará!

Professora(es) e aluna(os) que transformam a materialidade das formas.

Professora(es) e aluna(os) que, com suas vidas, sonhos e esperanças, transformam escolas velhas, abandonadas e barracões em sala de aula, um lugar de possibilidades.

**Figura 6** - Ivone de Oliveira Carvalho, professora da Educação do/no Campo e aluna do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFGD.



Fonte : Carvalho, 2013.

**Figura 7** - Ivone de Oliveira Carvalho, professora da Educação do/no Campo e aluna do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFGD.



Fonte: Carvalho, 2013.

Na parede de madeira um coração repleto de vidas, sonhos e esperanças. No olhar e no coração da professora sabedoria, vidas, sonhos, esperanças, lutas e resistências de sujeitos que com suas vidas transformam o mundo e a Educação.

**Figura 8** - Escola Municipal Jair Alves, fechada, do Assentamento Sul Bonito, no município de Itaquiraí, 2018.



Fonte: Carvalho, 2018.

No espaço-tempo dos assentamentos Sul Bonito e Santa Rosa eu vejo escolas. Escolas sem crianças e jovens, escolas sem professores, escolas que se transformaram em formas vazias, sem vidas, sem o cheiro de merenda, sem danças e risadas. Apenas forma!

**Figura 9** - Escolas fechadas no Assentamento Santa Rosa, município de Itaquiraí, 2018.



Fonte: Carvalho, 2018.

Os sonhos, esperanças, lutas e resistência continuam vivos nas vidas e nos corações.

O Estado descoloriu as formas, mas não descolorirá as lutas e resistências da Educação do/no Campo.

Porque Educação do/no Campo é luta e resistência.

Território de vivências!

Essas lutas e resistência são processos históricos, sociais e políticos e culturais do lugar onde se vive.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ivone de Oliveira. Fotografias de escolas do campo de Itaquiraí (2006-2022).

TOQUINHO. Aquarela, 1983 (4 min 12 s).

SACK, D. Robert. O significado de territorialidade. *In*: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (org.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013.

## SOBRE AUTORES, AUTORAS E ORGANIZADORAS

### ALECIO MARTINS SOARES

Graduado na área de Ciências Humanas pela faculdade FAIND (Faculdade Intercultural Indígenas TEKÓ ARANDU) da UFGD, é mestrando em Geografia pela FCH (Faculdade de Ciências Humanas) da UFGD e professor efetivo da rede municipal de educação, no município de Caarapó. E-mail: soaresmartinsalecio@gmail.com.br.

### CAMILA LEDESMA SANTANA DE ALMEIDA

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela UDC, possui licenciatura plena em Matemática pela FACESE. Especialista em Matemática Financeira e Estatística pela Faveni, em Coordenação Pedagógica e Escolar pela faculdade Focus, e em Energias Renováveis pela Alfamerica, é mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados UFGD (bolsista Capes). E-mail: milaledesmafoz@gmail.com.

**Camila**, mãe da Grazielly e do Guilherme, é uma geminiana que adora lembrar a sua infância quando seu pai e seu irmão cozinhavam a receita do revido paraguaio passada pela falecida avó Adriana. Outra memória boa que ela traz consigo traduz-se nas muitas vezes que assistiu ao filme "O Auto da Compadecida" ao lado do seu atual marido, na época, eles estavam no início do namoro. Camila fez o namorado reprisar a fita VHS do filme por 10 sábados seguidos; riu todas as 10 vezes, e continua rindo sempre que assiste a esse filme maravilhosamente brasileiro!

### CLAUDIA MARQUES ROMA

Possui graduação em Geografia (licenciatura - 2004 e bacharelado - 2005) pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Presidente Prudente, mestrado (2008) e doutorado em Geografia (2012) na mesma instituição. Atualmente é professora adjunta e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Pesquisa os seguintes temas: saúde e fronteira(s), cidades gêmeas, produção/reprodução do espaço em cidades pequenas, e acesso aos serviços de saúde. E-mail: claudiaroma@ufgd.edu.br.

**Claudia** é mãe das meninas Sara e de Olívia, e algo que a faz lembrar sua própria infância é o gosto do Danone tradicional de morango! Ela chora em quase todos os filmes, porém se tem uma vez que realmente entrou em prantos foi quando ouviu pela primeira vez a canção “Crônica do Natal Caipira” de Rolandro Bondrin. Claudia se orgulha de já ter sido boia-fria e hoje ser professora universitária.

### IVONE DE OLIVEIRA CARVALHO

Possui licenciatura em Geografia pela Faculdade Integrada de Naviraí (FINAV), e em Normal Superior pela UEMS. Especialista em Geografia pela FINAV, mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), é professora na Escola Municipal Santa Rosa dos anos iniciais no município de Itaquiraí. E-mail: ivonecarvalho209@gmail.com.



### **JULIANA TOMIKO RIBEIRO AIZAWA**

Bacharel em Direito pela UFMS/CPTL, especialista em Direito e Processo do Trabalho, mestra em Fronteiras e Direitos Humanos pela UFGD, doutoranda em Geografia pela UFGD, é professora no curso de Direito da UNIGRAN, em Dourados. E-mail: jtraizawa@gmail.com.

**Juliana**, libriana nata, é uma autora que traz na memória afetiva a leitura do livro “*O Alquimista*” de Paulo Coelho, e o cheiro dos bolinhos de chuva que marcaram sua infância.

### **LETÍCIA ESPADIM MARTINS**

Bacharel em Relações Internacionais (UFGD) e mestranda em Geografia (PPGG/UFGD), atua no desenvolvimento de pesquisas relacionadas aos temas: Audiovisual e Povos indígenas. É pesquisadora e comunicadora socioambiental. Email: espadimleticia@gmail.com.

**Letícia** é uma autora que leva consigo os tempos de alegria que passou ao lado de sua cachorrinha de infância Pipoca, uma poodle rebelde e sapeca que a ensinou a sempre desobedecer e amar. Se emociona com todo livro da Clarice Lispector que lê, e tem como um de seus maiores orgulhos a mobilidade acadêmica que fez para o México na época de sua graduação. Lá, no umbigo da lua, foi um momento feliz e mágico.

### **LUCI MEIRE CORRÊA ANASTÁCIO**

Possui licenciatura em Normal Superior pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), especialização *lato sensu* em Psicopedagogia, mestrado profissional *stricto sensu* em Educação e Fronteira pela UEMS. Doutoranda na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com a temática de Fronteira e Saúde. Professora fronteira da Educação Básica da rede municipal de Ponta Porã-MS e da rede estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: lucimeirecorrea@hotmail.com.

### **MANOEL MESSIAS FERREIRA DE MACEDO**

Licenciado e bacharel pela UFMS Dourados, possui pós-graduação em Geografia Ambiental. É Professor da rede pública desde 1989 e cursa mestrado em Geografia (PPGG/UFGD) com ênfase em desenvolvimento agropecuário. E-mail mmmgeografo@hotmail.com.

**Manoel** leva com carinho na lembrança a vez que se emocionou com a obra e vida da autora Carolina Maria de Jesus. Para embalar a sua alma, pede pelo sertanejo de outra mulher incrível, nossa saudosa Maria Mendonça! Entre seus maiores orgulhos de vida está o seu filho e o fato de ter sido aluno da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e seguir estudando!

### **MÁRCIA DUTRA DA SILVA ALFONSO**

Possui Licenciatura plena em Geografia e Pedagogia. É especialista em Ensino de Geografia e História e especialista em Gestão Pública. Mestranda em Geografia pela UFGD. Professora efetiva na prefeitura de Ponta Porã, é coordenadora pedagógica da rede pública estadual de ensino. E-mail: marciaalfonso@hotmail.com.

**Márcia** tem no cheiro de café com leite a lembrança da casa de seus pais e leva consigo o companheirismo de Chico, um macaco-prego que apareceu na casa em que ela morava quando tinha 13 anos e a adotou como dona! Além disso, seu maior orgulho de vida e amor está na criação de sua filha Maria Eduarda!



### SUZANNY CUNHA DA MOTA

Possui licenciatura plena em Geografia pela UFOPA. Mestranda em Geografia PPGG/UFGD, atua no desenvolvimento de pesquisas relacionadas aos povos indígenas da Amazônia com ênfase em mulheres indígenas e territórios. E-mail: [suzannycunhamota@gmail.com](mailto:suzannycunhamota@gmail.com).

**Suzanny** tem o chão de sua infância marcado pelo gosto e pela cor do vatapá paraense! Virginiana, forte e organizada na realização de seus sonhos, ela é a primeira de sua família a conquistar o título de formação no ensino superior e carrega com orgulho as memórias da viagem que sempre sonhou realizar ao lado do esposo por vários países da Europa e para o maior festival de música eletrônica do planeta, o *Tomorrowland!*

### UMBERTO DE ANDRADE FILHO

Licenciado em Geografia pela UFGD/FCH, cursa o mestrado em Geografia pela UFGD/PPGG. E-mail: [umbertoandrade008@gmail.com](mailto:umbertoandrade008@gmail.com).

**Umberto** é um autor que, entre todos os cachorros que já teve em sua vida, é incapaz de escolher um deles como preferido! Porém, para ele, time de futebol é só um, e é o Corinthians! Quando criança, ele gostava de comer de tudo!

### WAGNER GALVÃO RIBEIRO FILHO

Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS/UUCG, cursa o mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. É Professor da educação básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul - SED/MS. E-mail: [wgalvaoribeirofilho13@gmail.com](mailto:wgalvaoribeirofilho13@gmail.com).

**Wagner** é apaixonado por todos os seus pets, porém leva consigo uma saudade especial por Bigodinho e Faísca, que se foram há pouco tempo. Se orgulha de ter vivido sua meninice e juventude na Espanha, onde experimentou, na pele, a ambiguidade de ser e viver como um “imigrante”, além de ter tido a oportunidade de conhecer lugares e pessoas fantásticas. Mais que isso, é feliz por ter se tornado um professor de Geografia e dar a honra aos pais de ser um dos primeiros filhos a conquistar um diploma universitário! Para ele, infância tem gosto de pastel de queijo e tubaina, com o molho misterioso do Mercado Municipal de Campo Grande!





SARA